

**MÁRCIO FERNANDO GOMES**

**URBANIZAÇÃO E PERIFERIAS URBANAS:  
O CASO DO JARDIM UNIVERSAL, SARANDI – PR**

**MARINGÁ  
2008**

**MÁRCIO FERNANDO GOMES**

**URBANIZAÇÃO E PERIFERIAS URBANAS:  
O CASO DO JARDIM UNIVERSAL, SARANDI – PR**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.  
**Orientadora:** Prof. Dra. Ângela Maria Endlich.

**MARINGÁ  
2008**

## AGRADECIMENTOS

Manifesto aqui meus sinceros e honrosos votos de gratidão a todos que de alguma forma me ajudaram ao longo de minha trajetória no curso de graduação em Geografia e especialmente aos que compartilharam comigo os principais momentos deste trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a vida, pela saúde, felicidade e paz ao longo desses quatro anos.

Desejo, expressar os meus sinceros agradecimentos à minha professora orientadora Ângela Maria Endlich, pela orientação e apoio, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de dificuldades. A sua disponibilidade, atenção, exigências e as críticas fundamentais para concretização do trabalho.

Aos colegas: Daniel R. Piccolo, Karoline Scherwinski, Mariani S. Niguma e Rodrigo C. da Silva, pela contribuição nos trabalhos de campo. A Rafael M. dos Santos (“feioso”) pelas discussões e auxílio na elaboração de materiais cartográficos. A Grace Bungenstab pela ajuda no trabalho com banco de dados. A todos os colegas de graduação pelo companheirismo durante o curso.

Aos meus pais que amo muito. Agradeço a meu pai Laércio, exemplo de ser humano, por acreditar em mim, pelo incentivo e pela possibilidade de realização dos meus estudos. A minha mãe pelo amor e carinho em todos os momentos, mesmo com a distância sempre me apoiou e deu forças para não desistir.

As minhas irmãs, Renata e Roberta, que me fizeram muita falta ao longo desses quatro anos, mas que sempre me ajudaram e deram força neste período.

A minha namorada Alessandra, pela compreensão e amor dedicado em todas as horas e pelos momentos maravilhosos ao meu lado. Existem pessoas em nossa vida que nos deixam felizes pelo simples fato de terem cruzado o nosso caminho.

A todos os professores do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá pelo conhecimento transmitido e contribuição na formação acadêmica.

## RESUMO

A urbanização no Brasil é um fenômeno recente. A sua expansão inicia-se com as transformações na estrutura econômica e na sociedade brasileira como um todo a partir dos anos de 1930. O processo de urbanização se deu de forma repentina e do ponto de vista social as cidades não estavam preparadas para se tornar o espaço de vida da maior parte da sociedade brasileira. A expansão do espaço urbano foi acompanhada do aparecimento de diversos conflitos, como a deteriorização das habitações e dos serviços urbanos. Uma das marcas da urbanização brasileira é a formação de periferias urbanas, principalmente em áreas metropolitanas e aglomerados urbanos. As periferias urbanas são caracterizadas como locais distantes da área central, na maioria das vezes, abrigando população de baixa renda e com carência em infra-estrutura e equipamentos urbanos. Diante deste contexto o presente trabalho buscou estudar o processo de periferização no espaço urbano do município de Sarandi-PR, localizado no aglomerado urbano de Maringá. A área urbana de Sarandi passou e vem passando por um elevado crescimento demográfico e espacial. Esse processo não é acompanhado pela instalação adequada e suficiente de infra-estruturas e oferta de serviços urbanos, levando a cidade a diversas carências urbanas. O crescimento desorganizado e mal planejado gerou uma malha urbana desarticulada com vários loteamentos distantes do centro. Dentro deste contexto esta pesquisa estuda o Jardim Universal, bairro localizado na periferia de Sarandi. O Jardim Universal se formou no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, período em que Sarandi passou por um elevado adensamento populacional e conseqüentemente expansão da malha urbana. O crescimento desorganizado que o município sofreu no período de sua expansão pode ser constatado no bairro, que se desenvolveu com muitas carências no que se refere a serviços e equipamento urbanos, afetando desta forma a qualidade de vida dos moradores locais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Urbanização, Periferias urbanas, Equipamentos urbanos, Jardim Universal, Sarandi-PR.

## ABSTRACT

The urbanization in Brazil is a recent phenomenon. Its expansion is initiated with the transformations in the economic structure and the Brazilian society as a whole from the years of 1930. The process urbanization if gave of sudden form and of the social point of view the cities was not prepared to become the space of life of most of the Brazilian society. The expansion of the urban space was followed of the appearance of diverse conflicts, as the quality lack of the habitations and the urban services. Ones of the marks of the Brazilian urbanization is the formation of urban peripheries, mainly in areas urban metropolitans and accumulations. The urban peripheries are characterized as local distant of the central area, most of the time, sheltering population of low income and with lack in urban infrastructure and equipment. Ahead of this context the present work searched to study the process of outskirts formation in the urban space of the city of Sarandi-PR, located in the urban accumulation of Maringá. The urban area of Sarandi passed and comes passing for one raised demographic and space growth. This process is not followed by the adequate and enough installation of infrastructures and offers of urban services, taking the city the diverse urban lacks. The disorganized growth and badly planned generated a disarticulated urban mesh with some distant land divisions of the center. Inside of this context this research studies the Jardim Universal, quarter located in the periphery of Sarandi. The Jardim Universal if formed in the end of the years 1970 and beginning of years 1980, period where Sarandi passed consequently for one raised population increase and expansion of the urban mesh. The disorganized growth that the city suffered in the period of its expansion can be evidenced in the Jardim Universal that if developed with many lacks with respect to urban services and equipment, affecting in such a way the quality of life of the local inhabitants.

**KEY WORDS:** Urbanization, Urban peripheries, Urban equipment, Jardim Universal, Sarandi-PR.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização, Sarandi - PR.....	27
Figura 2: Aglomerado Urbano de Maringá.....	33
Figura 3: Sarandi – PR, Mapa localização, Jardim Universal.....	40
Figura 4: Sarandi – PR, Jardim Universal.....	41
Figura 5: Implantação das ruas em loteamentos de alto padrão e de classe baixa.....	50
Figura 6: Sarandi – PR, Rua sem pavimentação, Jardim Universal.....	51
Figura 7: Sarandi – PR, Situação viária, Jardim Universal.....	52
Figura 8: Sarandi – PR, Trajeto e pontos de parada do serviço de transporte coletivo, Jardim Universal.....	56
Figura 9: Sarandi – PR, Aparelhos de telefone público, Jardim Universal.....	58
Figura 10: Sarandi – PR, Casa inacabada, Jardim Universal.....	62
Figura 11: Sarandi – PR, Exemplo de autoconstrução, Jardim Universal.....	63
Figura 12: Sarandi – PR, Atividade comercial, Jardim Universal.....	64
Figura 13: Sarandi – PR, Serralheria, Jardim Universal.....	65
Figura 14: Sarandi – PR, Igreja, Jardim Universal.....	66
Figura 15: Sarandi – PR, Centro de educação infantil, Jardim Universal.....	67
Figura 16: Sarandi – PR, Posto de saúde, Jardim Universal.....	67
Figura 17: Sarandi – PR, Lotes vazios, Jardim Universal.....	68
Figura 18: Sarandi – PR, Criação de animais em lotes vazios, Jardim Universal.....	69
Figura 19: Sarandi – PR, Cultivo agrícola em lote vazio, Jardim Universal.....	69
Figura 20: Sarandi – PR, Barracos de madeira, Jardim Universal.....	70
Figura 21: Sarandi – PR, Uso do solo, Jardim Universal.....	71

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Brasil: Evolução da população rural e urbana, 1950 – 2000.....	13
Gráfico 2: Paraná - Evolução da população urbana, rural e total, 1950 – 2000.....	30
Gráfico 3: Sarandi – Evolução da população rural e urbana, 1960 – 2000.....	37
Gráfico 4: Sarandi – PR, Estrutura etária da população, Jardim Universal, 2000.....	43
Gráfico 5: Sarandi - PR, População alfabetizada, Jardim Universal, 2000.....	44
Gráfico 6: Sarandi – PR, Local de trabalho da população, Jardim Universal, 2008.....	45
Gráfico 7: Sarandi – PR, Tempo de residência no bairro, Jardim Universal, 2008.....	45
Gráfico 8: Sarandi – PR, Último local de residência, Jardim Universal, 2008.....	47
Gráfico 9: Sarandi – PR, Fator de atração do bairro, Jardim Universal, 2008.....	48
Gráfico 10: Sarandi – PR, Forma de pagamento do domicílio, Jardim Universal, 2008.....	49
Gráfico 11: Sarandi – PR, Ponto negativo do bairro, Jardim Universal, 2008.....	50
Gráfico 12: Sarandi – PR, Local de suprimento das atividades de lazer, Jardim Universal, 2008.....	57
Gráfico 13: Sarandi – PR, Preocupação com a violência, Jardim Universal, 2008.....	59
Gráfico 14: Sarandi – PR, Uso do solo, Jardim Universal, 2008.....	60
Gráfico 15: Sarandi – PR, Casas construídas pelo método de autoconstrução, Jardim Universal, 2008.....	62
Gráfico 16: Sarandi - PR, Local de consumo da população, Jardim Universal, 2008....	65
Gráfico 17: Sarandi – PR, Ponto positivo do bairro, Jardim Universal, 2008.....	72
Gráfico 18: Sarandi – PR, Existência de cooperação entre os vizinhos segundo opinião dos moradores, Jardim Universal, 2008.....	73
Gráfico 19: Sarandi – PR, Desejo dos moradores de morar em outro local, Jardim Universal, 2008.....	73
Gráfico 20: Sarandi – PR, Local que gostariam de morar, Jardim Universal, 2008.....	74
Gráfico 21: Sarandi – PR, Fator que motiva o desejo de mudança, Jardim Universal, 2008.....	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Maringá – PR, Evolução da população rural, urbana e total, 1950 – 2000.....	32
Tabela 2: Sarandi – PR, População, rural, urbana e total 1960-2000.....	35
Tabela 3: Taxa de crescimento anual da população nos municípios do Aglomerado Urbano de Maringá entre 1991 – 2000.....	35
Tabela 4: Índice de crescimento do número de domicílios do Aglomerado Urbano de Maringá no período 1970 – 2000.....	36
Tabela 5: Sarandi – PR, Rendimento mensal por responsável do domicílio, Jardim Universal, 2000.....	43
Tabela 6: Sarandi – PR, Curso mais elevado que o responsável familiar frequentou, Jardim Universal, 2000.....	44
Tabela 7: Sarandi - PR, Domicílios segundo condição de ocupação, Jardim Universal, 2000.....	48
Tabela 8: Sarandi - PR, Situação viária, Jardim Universal, 2008.....	51
Tabela 9: Sarandi – PR, Condições de esgotamento sanitário, Jardim Universal, 2000.....	53
Tabela 10: Sarandi – PR, Destino do lixo, Jardim Universal, 2000.....	54
Tabela 11: Sarandi – PR, Dias e horários de atendimento pelo transporte coletivo, Jardim Universal, 2008.....	54
Tabela 12: Sarandi – PR, Número de lotes ocupados segundo uso do solo, Jardim Universal, 2008.....	61
Tabela 13: Sarandi – PR, N° estabelecimentos comerciais segundo ramo de atividade, Jardim Universal, 2008.....	63

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>PARTE I - URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E PERIFERIAS URBANAS</b> .....	12
1.1 - URBANIZAÇÃO BRASILEIRA.....	12
1.2 1.2 - PERIFERIAS URBANAS.....	15
1.3 - A CIDADE SOCIALMENTE DIVIDIDA.....	17
1.4 - RENDA DA TERRA, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E A PRODUÇÃO TERRITORIAL DA CIDADE.....	18
1.5- AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO E DIFERENÇA SOCIOESPACIAL.....	21
1.6 - PERIFERIAS E CUSTOS SOCIAIS.....	23
<b>PARTE 2 - O PROCESSO DE PERIFERIZAÇÃO DE SARANDI</b> .....	26
2.1 - O PROCESSO DE OCUPAÇÃO REGIONAL.....	28
2.2 - TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOESPACIAIS.....	29
2.3 - A FORMAÇÃO DO AGLOMERADO URBANO.....	32
2.4 - A EVOLUÇÃO URBANA EM SARANDI.....	34
<b>PARTE 3 - CONDIÇÕES DE VIDA NO JARDIM UNIVERSAL</b> .....	40
3.1. O JARDIM UNIVERSAL.....	40
3.2. O JARDIM UNIVERSAL E SUA POPULAÇÃO.....	42
3.3. ASPECTOS URBANÍSTICOS E O ACESSO AOS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS.....	49
3.4. USO DO SOLO.....	60
3.5. SOCIABILIDADE.....	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76

**REFERÊNCIAS.....79**

**APÊNDICE.....82**

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada está vinculada a análise do processo de urbanização brasileira e pela forma como ela se materializa na região Norte do Paraná, em especial no município de Sarandi, pertencente ao Aglomerado Urbano de Maringá.

O município de Sarandi-PR passou e vem passando por um elevado crescimento demográfico e urbano. O crescimento de Sarandi foi impulsionado principalmente a partir da década de 1970, momento em que se verifica um conjunto de transformações na região. Desde então, o referido município cresce com taxas elevadas para o conjunto da região, sendo que tal crescimento vem acompanhado da concentração da população em áreas urbanas

Este crescimento, que na prática significa o acolhimento de um volume grande de população, não foi acompanhado pela instalação adequada e suficiente de infra-estruturas e oferta de serviços. Assim, o crescimento da cidade acaba refletindo na sociedade, principalmente nos habitantes dos bairros periféricos, que passam por diversas carências de serviços urbanos.

O elevado crescimento populacional do município encontra-se materializado no espaço urbano, com todas as contradições que permeiam a constituição da sociedade. Assim, no território, verifica-se que o aumento da população não é acompanhado pela instalação adequada de infra-estruturas. A urbanização crescente traz vários problemas à cidade.

Assim, este estudo busca estudar e refletir sobre as transformações que ocorrem nesse espaço e seu significado na perspectiva socioespacial.

O presente trabalho tem por objetivo resgatar questões sobre a expansão urbana de Sarandi e o seu processo de periferização, tomando como referência o Jardim Universal. Buscou-se levantar as características da população residente no bairro, levantar e mapear os equipamentos e serviços urbanos (acesso à água, rede de esgoto, transporte público, pavimentação, coleta de lixo, serviços de saúde, escolas, energia elétrica) e a condição deles na vida urbana local.

Para tanto, foi realizada toda uma revisão de literatura, visando estabelecer uma fundamentação teórica metodológica sobre a urbanização brasileira (CAMPOS FILHO, 1989; SANTOS, 1993, MARICATO, 1982; SCARLATO, 2005; e outros), sobre as periferias urbanas (BONDUKI; ROLNIK, 1982; MOURA; ULTRAMARI, 1994; SPÓSITO, 2004; etc.), e em relação à ocupação de Sarandi e do Norte paranaense

(MORO, 1992; LUZ, 1997; VELLOSO, 2003; RODRIGUES, 2004; ENDLICH; MORO, 2003; MENDES, 2006; FIGUEIREDO, 2006; entre outros).

Para realização da pesquisa foram levantados dados junto ao IBGE e realizado trabalho de campo, onde foram coletadas informações “in loco” e aplicado questionário com 120 moradores do bairro.

Com o trabalho de campo e as informações dos arquivos públicos foi possível a elaboração de tabelas, gráficos e mapas que contribuirão na análise do local.

A monografia apresenta-se dividida em três partes: PARTE 1 – Urbanização Brasileira e Periferias Urbanas; PARTE 2 – O Processo de Periferização em Sarandi; PARTE 3 – Condições de Vida no Jardim Universal.

Na primeira parte há uma abordagem sobre a urbanização brasileira, com comentários sobre a intensidade e crescente urbanização no país após a década de 1970 e o surgimento de “problemas urbanos”. É enfatizado processo de periferização que ocorre nas cidades brasileiras. Apresenta uma discussão sobre o conceito de periferia urbana, suas características e os agentes envolvidos na produção destas áreas.

Na segunda parte desenvolve-se uma discussão sobre a ocupação da região Norte do Paraná. É trabalhada a questão da modernização da agricultura e o crescimento urbano em Maringá, enfatizando os seus reflexos sobre o desenvolvimento urbano de Sarandi e o conseqüente processo de periferização.

A última parte traz uma caracterização do Jardim Universal, abordando as características da população, a infra-estrutura e serviços urbanos presentes no bairro e os condicionamentos no cotidiano dos moradores.

# PARTE I

## URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E PERIFERIAS URBANAS

### 1.1. URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

A urbanização no Brasil é um fenômeno recente. A sua expansão inicia-se com as transformações na estrutura econômica e na sociedade brasileira como um todo a partir dos anos de 1930.

O processo de modernização que ocorre no país nesse período dá um novo conteúdo e dinâmica à urbanização do território (SANTOS, 1993). O impulso da industrialização gera uma nova lógica econômica e territorial no país.

*A partir dos anos 1940-1950, é essa lógica da industrialização que prevalece: o termo industrialização não pode ser tomado, aqui em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamentos do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (leia-se terceirização) e ativa o próprio processo de urbanização. Essa nova base econômica ultrapassa o nível regional, para situar-se na escala do País; por isso a partir daí uma nova urbanização cada vez mais envolvente e mais presente no território dá-se com o crescimento demográfico sustentado das cidades médias e maiores, incluídas, naturalmente, as capitais de estados. (SANTOS, 1993, p. 27).*

O Brasil passa na segunda metade do século XX por um intenso processo de urbanização. “A partir dos anos 60, e sobretudo na década de 70, as mudanças não são, apenas quantitativas, mas, também, qualitativas” (SANTOS, 1993, p.60).

Na década de 1970 pela primeira vez o país passa contar com população urbana maior que a rural (Gráfico 1).

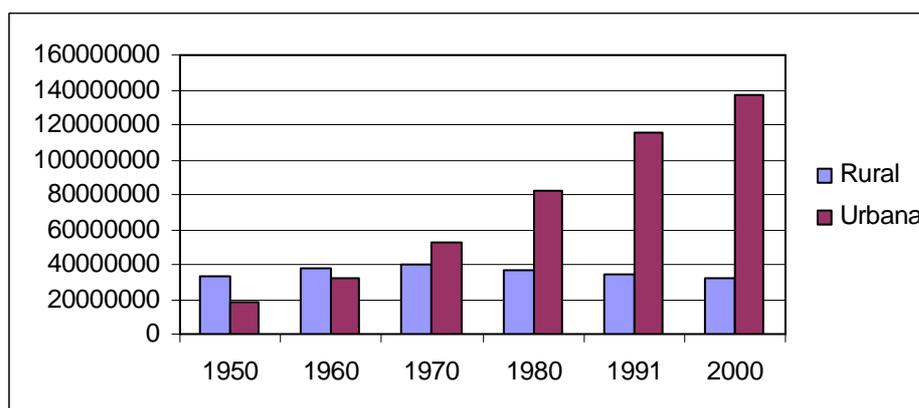


Gráfico 1:– Brasil: Evolução da população rural e urbana, 1950 – 2000.

Fonte: IBGE.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Uma das características da urbanização brasileira é sua velocidade acelerada, em 1940 apenas 31,24 % da população do país era urbana, enquanto que nos anos 1980 chega a 65,10 %. Entre 1940 e 1980 a população urbana multiplica-se sete vezes e apresenta um crescimento de 653,03% (SANTOS, 1993).

O crescimento vegetativo nas cidades devido ao aumento da taxa de natalidade e queda da taxa de mortalidade, e principalmente o elevado fluxo migratório rural – urbano são determinantes para expressivo aumento da população urbana.

A modernização pela qual passa o território brasileiro deve ser compreendida de forma articulada entre campo e cidade. A substituição do modelo agrícola, com a incorporação de tecnologia no campo e o desenvolvimento de uma estrutura baseada na produção de culturas mecanizadas voltadas para exportação altera as relações de trabalho no campo e acentua a concentração fundiária em todo o país. Um dos reflexos de todo esse processo é a transformação em relação ao local de moradia da população.

As transformações no campo fazem com que grande parte da população se desloque para as cidades. “Entre 1960 e 1980, da-se uma verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira” com isso “a urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores é cada vez mais urbana” (SANTOS, 1993).

Segundo Scarlato (2005, p.391-392):

*Encarando-se a mobilidade espacial da população sob a ótica da localização rural e urbana, entre os anos 60 e 2000 houve uma verdadeira inversão das duas. A ampliação das relações capitalistas no campo, desestruturando as antigas relações de trabalho (a parceria, o arrendamento, etc.), a mecanização da agricultura, a substituição da lavoura por pastos e a grande especulação imobiliária foram causas que estimularam a fuga das populações do campo para a cidade.*

As transformações ocorridas no campo e as novas formas de produção excluem muitos trabalhadores que acabam por se dirigir a cidade. “O campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalista vivem cada vez mais nos espaços urbanos” (SANTOS, 1993, p. 10).

Essas pessoas chegam ao lugar diferente do que estavam habituados e sofrem para conseguir se adaptarem e se reintegrarem a esse novo espaço.

Os migrantes ao chegarem à cidade não são totalmente absorvidos pelo mercado de trabalho, “a oferta de empregos urbanos não se faz ao mesmo ritmo que a chegada dos migrantes, gerando bairros de extrema miséria” (CAMPOS FILHO, 1989, p. 30).

*A massa trabalhadora urbana, vai no entanto, se assentando principalmente nas periferias das cidades, que é onde sua baixa capacidade aquisitiva lhe permite pagar o aluguel ou comprar seu terreno. Os lotes são oferecidos a partir de um processo de loteamento que vai se implantando de modo a ter o mínimo custo para permitir um preço baixo de venda ao alcance do ganho muito baixo da maior parte da população urbana, que cresce de modo rápido, vegetativamente e por migração (CAMPOS FILHO, 1989, p. 35).*

Esses migrantes geralmente possuem baixa renda e acabam morando nos locais mais precários. Durante as décadas de 1950 e 1960, as grandes cidades para onde se dirigiam os migrantes caracterizavam-se pela falta de infra-estrutura e de lotes bem localizados em relação aos empregos e equipamentos (SCHMIDT; FARRET, 1996). Deste modo grande parte da população urbana não tem acesso ao emprego necessário, nem a bens e serviços essenciais. Assim, como destaca Santos (1993), o processo de urbanização no Brasil tem revelado uma crescente associação com a pobreza.

A população urbana cresce rapidamente, principalmente nas periferias das grandes e médias cidades. Com a concentração de pessoas habitando no espaço urbano e o crescimento acentuado das cidades, aparecem diversos problemas, como a falta de empregos, de habitação, de transporte, saneamento básico e serviços urbanos em geral.

O processo de urbanização se deu de forma repentina e do ponto de vista social as cidades não estavam preparadas para se tornar o espaço de vida da maior parte da sociedade brasileira. A expansão do espaço urbano foi acompanhada do aparecimento de diversos conflitos, “deteriora as habitações, torna precários os serviços urbanos, desde o transporte até a segurança, e gera outros problemas” (SCARLATO, 2005, p. 405).

*Com diferença de grau e intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas. O seu tamanho, tipo de atividade, região em que se inserem etc. São elementos de diferenciação, mas em todas elas problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação e da saúde, são genéricos e revelam enormes carências” (SANTOS, 1993, p. 95)*

Segundo Sposito (1994), esses problemas são decorrentes do desenvolvimento do modo de produção capitalista, e marcam a urbanização dos países de economia dependente na segunda metade do século XX.

Ocorre no Brasil uma “crescente proliferação de loteamentos periféricos, ilegais e clandestinos. Ambos sem infra-estrutura urbana e precariamente servida por sistemas de transporte, estes assentamentos passam a constituir o *locus* por excelência da habitação da classe trabalhadora” (SCHMIDT; FARRET, 1996, p.51)

Como resultado desse modelo de expansão, a urbanização brasileira é acompanhada por um elevado crescimento horizontal das cidades, com a formação de periferias urbanas.

## **1.2. PERIFERIAS URBANAS**

Grandes áreas periféricas constituem uma marca das cidades brasileiras. Estas áreas adquirem maior relevância a partir dos anos 1950 nas grandes cidades e áreas metropolitanas. Na década de 1970 o processo de periferização acentua-se atingindo inclusive cidades médias (SPOSITO, 2004).

As periferias são geralmente compreendidas como áreas distantes do centro tradicional, porém, estão nas suas características urbanas e sociais seus principais atributos.

*A noção de periferia refere-se a um lugar longe, afastado de algum ponto central. Todavia, esse entendimento meramente geométrico não representa a verdadeira relação entre o centro e a periferia das cidades. Neste caso, os afastamentos não são quantificáveis apenas pelas distâncias físicas que há entre os dois, mas, sim, revelados pelas condições sociais de vida que evidenciam a nítida desigualdade entre os moradores dessas regiões da cidade. (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.10)*

O termo periferia vem do latim periferia e este do grego, levar ao redor. Do ponto de vista arquitetônico a periferia pode ser entendida como o contorno da cidade, enquanto que do ponto de vista social é o lugar dos bairros populares, das favelas, da autoconstrução no subúrbio das cidades (CAPEL, 1999 *apud* NEGRI, 2001).

Essas áreas referem-se aos setores da cidade precariamente atendidos por serviços públicos, e com valores imobiliários reduzidos para serem suportados pela população de baixa renda (BOLLAFI, 1982).

Para Maricato (1982) a periferia urbana se caracteriza como o espaço de residência da classe trabalhadora, das camadas populares, ocupada por pequenas casas em pequenos lotes localizada longe do centro, sem equipamentos urbanos, e com uso do solo insignificante em relação a comércio e serviços.

As periferias abrigam a população de menor aquisitivo. “são áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer” (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.11).

Os habitantes da periferia são pessoas que não suportam os custos das áreas bem servidas do espaço urbano. Uma de suas características é abrigar migrantes de baixa renda. Corrêa (1999) se refere à periferia como “o local da população de baixo *status* social, é lócus de correntes migratórias da zona rural e de pequenas cidades, bem como de grupos provenientes de antigas periferias que se valorizaram.”.

Assim os trabalhadores que possuem baixo rendimento vêm na periferia a oportunidade de moradia. A periferia da cidade é o local onde a massa trabalhadora se assenta, um lugar onde o baixo preço do aluguel e do terreno permite que esse grupo se aloje (CAMPOS FILHO, 1989).

Mautner (1999) considera a periferia como o local onde vivem os pobres, com baixo preço da terra, e ao mesmo tempo um local mutante, sempre se reproduzindo em novas extensões, ao passo que velhas periferias se valorizam e são incorporadas a cidade e ocupada por novos moradores e reorganizadas pelo capital.

A falta de infra-estrutura e amenidades da área possibilita o baixo preço dos terrenos nas periferias. Segundo Bonduki e Rolnik (1982) a periferia se define como “as parcelas do território da cidade que têm baixa renda diferencial, pois assim, este conceito ganha maior precisão e vincula, concreta e objetivamente, a ocupação do território urbano a estratificação social”.

As periferias são “aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde passa a residir crescente quantidade de mão de obra necessária párea fazer girar a maquinaria econômica” (KOWARICK, 1979, p. 31).

Como se pode ver na definição de vários estudiosos do espaço urbano, existe um consenso no entendimento de periferia urbana como um espaço social e

economicamente desvalorizado, ocupado por um contingente de baixa renda e carente de infra-estrutura. Contudo, é verdade que mais recentemente as periferias urbanas passaram a ter um conteúdo mais variado, abrangendo loteamentos para classes mais altas, alguns em forma de condomínios horizontais.

### **1.3. A CIDADE SOCIALMENTE DIVIDIDA**

Nas cidades ocorre o processo conhecido como segregação socioespacial, que pode ser mais apreendido quanto ao local de moradia. As periferias urbanas são espaços onde as desigualdades sociais aparecem de forma mais evidente, pois consiste na sua materialização no espaço urbano. O espaço urbano é reflexo da sociedade, “o espaço da cidade capitalista fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes” (CORRÊA, 1994, p. 8).

A cidade é transformada seletivamente pela sociedade urbana. Assim, certos pontos se tornam mais acessíveis, mais atrativos e mais valorizados.

Deste modo são as atividades mais dinâmicas que se instalam em áreas valorizadas. O mesmo ocorre com as residências das pessoas de classes mais elevadas que se instalam nos locais que mais convenientes e atrativos. (SANTOS, 1993).

*No quadro do capitalismo, a distribuição da população e das atividades econômicas no solo urbano segue a regra básica pela qual quem pode mais, em termos de poder aquisitivo, melhor se localiza na estrutura das cidades em relação ao emprego, a oferta de serviços urbanos, ao comércio e serviços em geral, especialmente os de cultura e lazer (CAMPOS FILHO, 1989, p. 46)*

Nota-se então no espaço urbano a concentração espacial de parcelas da população segundo a sua renda. As camadas de alta renda procuram se estabelecer nas melhores áreas do espaço urbano, áreas essas dotadas dos melhores serviços e equipamentos urbanos. A população de menor poder aquisitivo vai habitar a áreas desfavorecidas da cidade, como por exemplo, a periferia.

Segundo Lago (2000, p. 39) “(...) o termo periferização não se refere a um lócus, mas a um processo de segregação e diferenciação social no espaço, que tem causas econômicas, políticas e culturais”.

É na segregação urbana ou segregação espacial que se dá a produção de áreas carentes – periferias, áreas deterioradas centrais, cortiço – e que se contrapõem aos bairros nobres e bem servidos.

O preço do solo é fator determinante na estratificação as áreas urbanas e conseqüentemente na segregação residencial entre as diferentes classes existentes. A classe de menor renda vai habitar os setores de péssima qualificação urbana, pois o seu preço são os únicos acessíveis a eles, ocorre assim nas cidades um processo de periferização.

A construção das periferias urbana está subordinada ao processo de acumulação e reprodução do capital (MOURA; ULTRAMARI, 1996). A periferia urbana é um reflexo das desigualdades existentes no sistema capitalista, que se materializam no espaço urbano, caracterizando uma divisão social do espaço.

As periferias são determinadas, então, pela lógica do modo de produção e apropriação do espaço urbano, sendo resultado da interação de três elementos: o capital, o Estado e a força de trabalho. Eles se combinam e se alteram, estruturando a periferia, direcionam seu crescimento e lhe dão feição. O capital determina o custo do solo, o estado proporciona (ou não) os serviços, e a força de trabalho é quem vive na periferia. (MOURA; ULTRAMARI, 1996).

O capital atribui valor ao solo, cada indivíduo vai morar onde sua renda permite. Para os mais pobres quase sempre restam apenas locais distantes do centro, ou seja, a periferia carente em infra-estrutura ou áreas deterioradas e abandonadas da cidade. O Estado não instala os serviços e equipamentos urbanos, devido ao fato de atuar de acordo com os interesses do capital, ou pela falta de recursos para estender os serviços para os locais distantes, uma vez que essa distância física encarece os custos de sua atuação.

#### **1.4. RENDA DA TERRA, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E A PRODUÇÃO TERRITORIAL DA CIDADE**

A apropriação privada do solo no modo de produção capitalista representa um obstáculo para o desenvolvimento das forças produtivas sociais (LOJKINE, 1997). A extração da renda da terra urbana influência na organização do espaço urbano.

Na teoria marxista de renda da terra está vinculada noção da terra como fator material de produção, sendo a renda o preço pago pelo uso deste recurso. A capacidade de a terra comandar a renda está vinculada ao caráter classista da sociedade (GOTTIDIENER, 1997). A concepção de renda da terra envolve três dimensões: a renda absoluta, renda diferencial e a renda de monopólio.

A renda diferencial é o componente da renda fundiária que se baseia nas condições físicas e localizações dos terrenos e nos diferenciais de investimento sobre eles, ou no seu entorno, aplicados. Este componente se soma a renda absoluta, que é, prioritariamente, a remuneração paga pela existência da propriedade privada (BONDUKI; ROLNIK, 1982, p. 147).

A renda de monopólio é muito útil para a análise urbana, segundo Gottidiener (1997, p. 177).

Renda de monopólio, porém, se refere especificamente a capacidade dos proprietários de terra extraírem pagamento pela terra quando a demanda por ela é estruturada por uma escassez produzida monopolisticamente, como no caso da competição por localizações específicas ou por pedaços específicos de terra na cidade.

De acordo com Marx o preço da terra urbana é uma criação social, a lei do valor no espaço é estruturada e manipulada pela classe capitalista e suas relações sociais, para produzir renda absoluta e renda de monopólio dentro da cidade. (GOTTIDIENER, 1997). A renda da terra deixa marcas profundas na organização espacial das cidades, contribui para geração de uma divisão social no espaço urbano.

(...) a renda fundiária urbana vai pois marcar de forma durável o desenvolvimento urbano. Sua principal manifestação espacial reside, a nosso ver, no fenômeno da segregação, produzido pelos mecanismos de formação dos preços do solo, estes por sua vez, determinados, conforme nossa hipótese, pela nova divisão social e espacial do trabalho (LOJKINE, 1997, p. 188).

Segundo Bonduki e Rolnik (1982, p. 146):

A segregação do território urbano que caracteriza a cidade capitalista é provocada, essencialmente, pela manutenção da propriedade privada dessa mercadoria peculiar que é o terreno urbano, como a forma dominante de ocupação do espaço. A existência da renda da terra, remuneração pela propriedade exclusiva de parcelas do solo urbano, é manifestação desta forma e seu estudo é fundamental para a compreensão da estrutura urbana.

O acesso à cidade é mediado por mecanismos de mercado assentados na propriedade da terra (CARLOS, 2001, p. 50). Esse acesso pode ser realizado na compra de uma propriedade ou por meio de pagamento de aluguel a quem detém a posse da terra.

Os espaços da cidade dão possibilidades diferenciadas ao acesso à habitação, vinculados principalmente ao preço do solo de cada área. O preço do solo, assim como toda mercadoria, está relacionado à demanda. Quanto maior a demanda, mais valor um produto atinge. Em relação à habitação, Singer (1982, p. 27) destaca:

*A demanda de solo urbano para fins de habitação também distingue vantagens locacionais, determinadas principalmente pelo maior ou menor acesso a serviços urbanos, tais como transporte, serviços de água e esgoto, escolas, comércio, telefone, etc, e pelo prestígio social da vizinhança.*

As áreas centrais ou com boa localização na cidade e as com melhor infraestrutura são as de maior demanda, com isso se valorizam, fazendo com que apenas os mais abastados consigam ter acesso a elas e empurrando os menos abastados para áreas mais longínquas e com piores condições de vida.

O uso do solo na economia capitalista agrava o acesso à moradia a parcelas da população de baixa renda. O solo adquire funções econômicas distintas de sua utilidade enquanto bem natural e ao papel que deveria desempenhar na composição e organização do espaço requerido para as atividades da população (BOLLAFI, 1982).

O solo urbano passa a receber uma ação especulativa. Essa ação agrava a vida da população de baixa renda, a concentração de terra dificulta o acesso à moradia e a serviços urbanos básicos. Os especuladores imobiliários investem em terrenos vazios e esperam essas áreas se valorizarem para que possam lucrar com a venda do terreno, essa atividade se torna cada vez mais comum devido à sua rentabilidade.

Há um controle das áreas disponíveis no mercado, sendo que ocasionalmente várias porções do espaço urbano podem estar fora do mercado, elevando o preço do solo no centro da cidade e nas áreas servidas pelos serviços e equipamentos urbanos.

A expansão da classe média e a chegada de numerosos pobres às cidades contribuem para exacerbar o processo especulativo. A terra urbana loteada ou não, aparece como promessa de lucro futuro, justificada pela existência de uma demanda crescente. A especulação contribui para que as parcelas incorporadas ao perímetro urbano sejam cada vez maiores. (SANTOS, 1993)

Como consequência da especulação imobiliária áreas do espaço urbano com maior densidade de equipamentos e serviços podem ficar esvaziadas e as cidades crescem de forma acentuada para áreas longínquas, configurando um crescimento de padrão periférico (BOLLAFI 1982; CAMPOS FILHO, 1989).

As cidades passam a crescer e se espalham demasiadamente, enquanto metade do espaço intra-urbano está vazio. Assim o modelo geográfico de crescimento espraiado é causa e efeito da especulação (SANTOS, 1993, p. 9).

A especulação imobiliária atrapalha em muito a compra da casa própria por parte das classes de menor renda, e quando isto acontece é em áreas distantes e carentes de serviços. Dessa forma pode-se dizer que os loteamentos periféricos refletem o crescimento urbano induzido pela especulação imobiliária.

*Os loteamentos periféricos geram uma cidade horizontal, excessivamente desconcentrada, que se estende desmesuradamente, enfim, um padrão de crescimento urbano que não atende aos interesses do morador de baixa renda, pois com ele eleva-se o custo unitário da instalação de equipamentos urbanos e aumenta-se o tempo desperdiçado no deslocamento cotidiano casa – trabalho, consequência que só podem piorar o nível de vida dos trabalhadores (BONDUKI; ROLNIK, 1982, p. 153)*

As atuais faces urbanas no Brasil mostram que para entender a periferização da população urbana de uma cidade não basta olhar apenas para sua área intra-urbana. Esse processo precisa cada vez mais ser compreendido em âmbito interurbano, isto é, considerando um conjunto de localidades que partilham de uma mesma dinâmica econômica e urbana. Em algumas cidades o alto custo de moradia gerado pelo mercado imobiliário faz com que a população de baixa renda procure possibilidades mais baratas e em cidades vizinhas. Esse fato acontece principalmente em regiões metropolitanas ou de aglomerados urbanos, onde é comum a existência de cidades dormitório. Este é o caso do bairro abordado no presente estudo, onde Maringá, caracterizada como centro, empurrou a população de menor poder aquisitivo para Sarandi, cidade periférica.

## **1.5. AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO E DIFERENÇA SOCIOESPACIAL**

A atuação do estado na produção do espaço urbano se faz principalmente na implantação de infra-estrutura e elaboração de leis e normas (CORRÊA, 1994). Na

periferia o Estado age de forma desigual, ao aplicar uma legislação flexível contribui para aberturas de bairros com infra-estrutura mínima.

As empresas imobiliárias se beneficiam falta de legislação e medidas restritivas. Abrem cada vez mais loteamentos “irregulares” com custos baixos de implantação, e lucram com a venda dos terrenos.

A atuação do Estado em relação à oferta de serviços públicos também é deficiente. As características da periferia e sua distância física dificulta a ação do poder público.

Do ponto de vista urbano as periferias apresentam uma baixa densidade de ocupação do solo uma alta velocidade de expansão para áreas mais longínquas. Esse aumento de distância eleva o custo da urbanização, comprometem a atuação da administração pública, formando áreas com problemas infra-estruturais (MOURA; ULTRAMARI, 1996).

*Desse modo, aquelas cidades que, num esforço gigantesco, procuram, com seus poucos recursos, levar a infra-estrutura de serviços urbanos e equipamentos comunitários à periferia são obrigados a estendê-los muito mais do que seria necessário, caso não houvesse, ou houvesse, terrenos baldios em quantidade razoável. Um governo urbano cada vez mais pobre, enfrentando cidades cada vez mais caras: essa é uma realidade preocupante que nós, brasileiros, temos que enfrentar. (CAMPOS FILHO, 1989, p. 52)*

O Estado por sua vez privilegia o atendimento aos grupos de maior poder aquisitivo, agravando as disparidades entre os mais ricos e os mais pobres e gerando cada dia mais conflitos sociais. Ao canalizar recursos para as áreas já dotadas de serviço passa a faltar recursos para investir nas novas áreas urbanizadas.

*O próprio poder público torna-se criador privilegiado de escassez; estimula assim, a especulação e fomenta a produção de espaços vazios dentro das cidades; incapaz de resolver o problema da habitação, empurra a maioria da população para as periferias; e empobrece ainda mais os pobres, forçados a pagar caro pelos precários transportes coletivos e a comprar bens de consumo indispensável e serviços essenciais que o poder público não é capaz de oferecer (SANTOS 1993, P.111)*

A atuação dos órgãos governamentais não é igual em toda cidade, em geral apenas onde reside a classe de alto padrão recebe investimentos, equipamentos e serviços urbanos de qualidade, tal fato amplia as diferenças no espaço urbano.

*A escassez de recursos públicos, destinados às cidades ao longo de décadas, vem acumulando um brutal déficit na oferta de infra-estrutura e de serviços urbanos, e as poucas áreas que recebem melhoramentos públicos, que em geral no Brasil são as áreas mais centrais, supervalorizam-se pela enorme diferença de qualidade que oferecem face as áreas periféricas. Essa escassez de recursos públicos destinados às cidades provoca assim exacerbação, a ampliação da renda diferencial imobiliária, traduzida na ampliação da diferença de preços de terrenos, de imóveis construídos e de seus aluguéis. (CAMPOS FILHO, 1989, p. 53)*

Os equipamentos urbanos na periferia, quando instalados pelo Estado, são de qualidade inferior ao presente em áreas nobres da cidade.

O Estado acaba contribuindo para a formação de áreas periféricas ao atuar de acordo com interesses da elite, em detrimento dos grupos de menor poder aquisitivo, agravando as diferenças sociais entre as áreas da cidade.

*(...) um primeiro momento do processo especulativo vem com a extensão da cidade e a implantação diferencial dos serviços coletivos. O capitalismo monopolista agrava a diferenciação quanto a dotação de recursos, uma vez que parcelas cada vez maiores da receita pública se dirigem à cidade econômica em detrimento da cidade social. A lei da escassez se afirma, então, com mais força, e se ampliam as diferenças já existentes entre lugares urbanos, do ponto de vista das amenidades. (SANTOS, 1993, p. 96-97)*

O Estado em alguns casos atua nessas áreas na realização de infra-estrutura, o que acaba valorizando o local. A valorização faz com que muitos moradores vendam suas casas e se desloquem para áreas mais distantes e com infra-estrutura deficiente. Essa situação é fortalecida pela ação dos especuladores imobiliários (SINGER, 1982).

## **1.6. PERIFERIAS E CUSTOS SOCIAIS**

Em decorrência de todo esse processo a população pobre vê como única alternativa a aquisição de terrenos em loteamentos localizados nas zonas longínquas e com preços mais baixos.

A paisagem da periferia revela os contrastes que existem no espaço urbano, mostrando um local marcado pela diferença no que se refere à infra-estrutura, equipamentos urbanos e grupos sociais, em relação aos locais nobres da cidade.

O uso do solo na periferia é configurado predominantemente pela presença de residências, em especial da classe trabalhadora de baixa renda, e pela existência de lotes vazios. A falta de infra-estrutura desestimula a instalação de atividades industriais, e o fato de ser habitada por pessoas de baixo poder aquisitivo não atrai atividades

comerciais para periferia. A distância do centro encarece a implantação de serviços públicos (postos de saúde, escolas, creches, etc.) deste modo em muitas áreas periféricas esses serviços estão ausentes.

Os habitantes da periferia convivem com diversas carências, faltam-lhes serviços essenciais como moradia, água potável, rede de esgoto, energia elétrica, transporte público de qualidade, ruas pavimentadas, entre outros.

É comum, ainda, que os moradores dessas partes da cidade sofram com o desemprego e baixos salários, o que dificulta no acesso da casa própria. O poder aquisitivo dessas pessoas permite apenas morar em áreas mais distantes do centro, em loteamentos que surgem nos arredores ou em áreas deterioradas das cidades.

A produção de moradia é possível freqüentemente apenas com a autoconstrução, outro fator característico dessas áreas. Os moradores contam com a ajuda da família e dos vizinhos, e constroem sua própria casa durante o tempo livre. O tempo de construção se arrasta por longos anos, fato que pode ser notado no expressivo número de casa inacabadas que existem na periferia.

A periferia representa um crescimento desordenado do espaço urbano, nessas áreas os regulamentos de urbanização são flexíveis, as leis são descumpridas. As instalações urbanísticas são mínimas. A população residente nestes bairros convive com a falta de infra-estrutura e equipamentos urbanos, pois “para que os custos sejam mínimos, de fato, as exigências legais no início são poucas ou inexistentes” (CAMPOS FILHO, 1989, p.35).

Os loteamentos na periferia se proliferam de forma desordenada, constituindo um espaço precário. Quase sempre primeiro são construídas as casas e depois se inicia a preocupação com infra-estrutura. “Adquirido o lote e construída a casa, falta o calçamento da rua, assim como a água, o esgoto, a luz, os equipamentos sociais – escolas, postos de saúde, praças – e outras benfeitorias, apenas prometidas ou precárias” (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p. 132).

As classes de baixa renda acabam se deslocando para as periferias urbanas, pois os loteamentos sem infra-estrutura, com carências urbanas, a tornam um local de preços baixos, possibilitando a aquisição da moradia por parte dessa população.

Os bairros mais distantes do centro quando ocupados pelas pessoas de baixa renda, apresentam muitas dificuldades. A rarefação da periferia encarece os serviços urbanos, e sofre ainda com a falta de serviços públicos como saúde, educação e lazer. Com isso “(...) o atendimento das classes populares é enormemente dificultado pelo

encarecimento dos serviços urbanos mais extensos, decorrentes dos vazios urbanos nas periferias das cidades” (CAMPOS FILHO, 1989, p.106)

*A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas também, do modelo espacial (SANTOS, 1993, p. 10)*

O espaço urbano é mutável, está sempre se transformando (CORRÊA, 1994). Esta é uma das características da periferia, que possui uma alta capacidade de transformação, estão sempre mudando de configuração, preenchendo os lotes vazios e adensando, recebendo infra-estrutura, se valorizando e recebendo novos habitantes (MOURA; ULTRAMARI, 1996).

Nesta dinâmica novas áreas são incorporadas à cidade e transformadas em periferias, e o perímetro urbano das cidades crescem constantemente.

## **PARTE 2**

### **O PROCESSO DE PERIFERIZAÇÃO DE SARANDI.**

O município de Sarandi está localizado na região Noroeste do Paraná, a 23°25'S de latitude e 52°53'W de longitude (Figura 1). Possui uma população de 79.686 (IBGE, 2007) distribuída em uma área de 113.350 Km<sup>2</sup>.

Sarandi foi fundada em 1947 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná para servir como posto comercial para os proprietários que ali se lançavam na ocupação da região durante o processo de colonização.

Ao longo de sua história Sarandi pertenceu a diversos municípios (Londrina, Apucarana, Mandaguari e Marialva) até atingir o status de município. Sua emancipação política se deu após um plebiscito em 14 de outubro de 1981 (Lei nº7501), tornando-se município em 1983.

A área urbana de Sarandi correspondia até a década de 1960 ao traçado inicial realizado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e as vilas de Vera Cruz e a Chácara Aeroporto, esses núcleos apresentavam lotes de 560 a 600m<sup>2</sup>.

Até o início dos anos 1970 Sarandi apresentava uma baixa população que se concentrava principalmente no meio rural. Nos anos seguintes o município passa por uma ampla mudança no território com a população aumentando de forma expressiva e passando a se concentrar na zona urbana.

As transformações no campo na década de 1970 causaram intenso êxodo rural e Sarandi possuía uma posição geográfica privilegiada com localização próxima a Maringá, atraindo grande contingente de trabalhadores que deixavam a zona rural, assim o município passa por um rápido crescimento populacional e urbano em poucos anos.

Essa parte do trabalho faz um breve resgate sobre a ocupação regional, transformações econômicas e suas conseqüências na produção do espaço urbano de Sarandi.

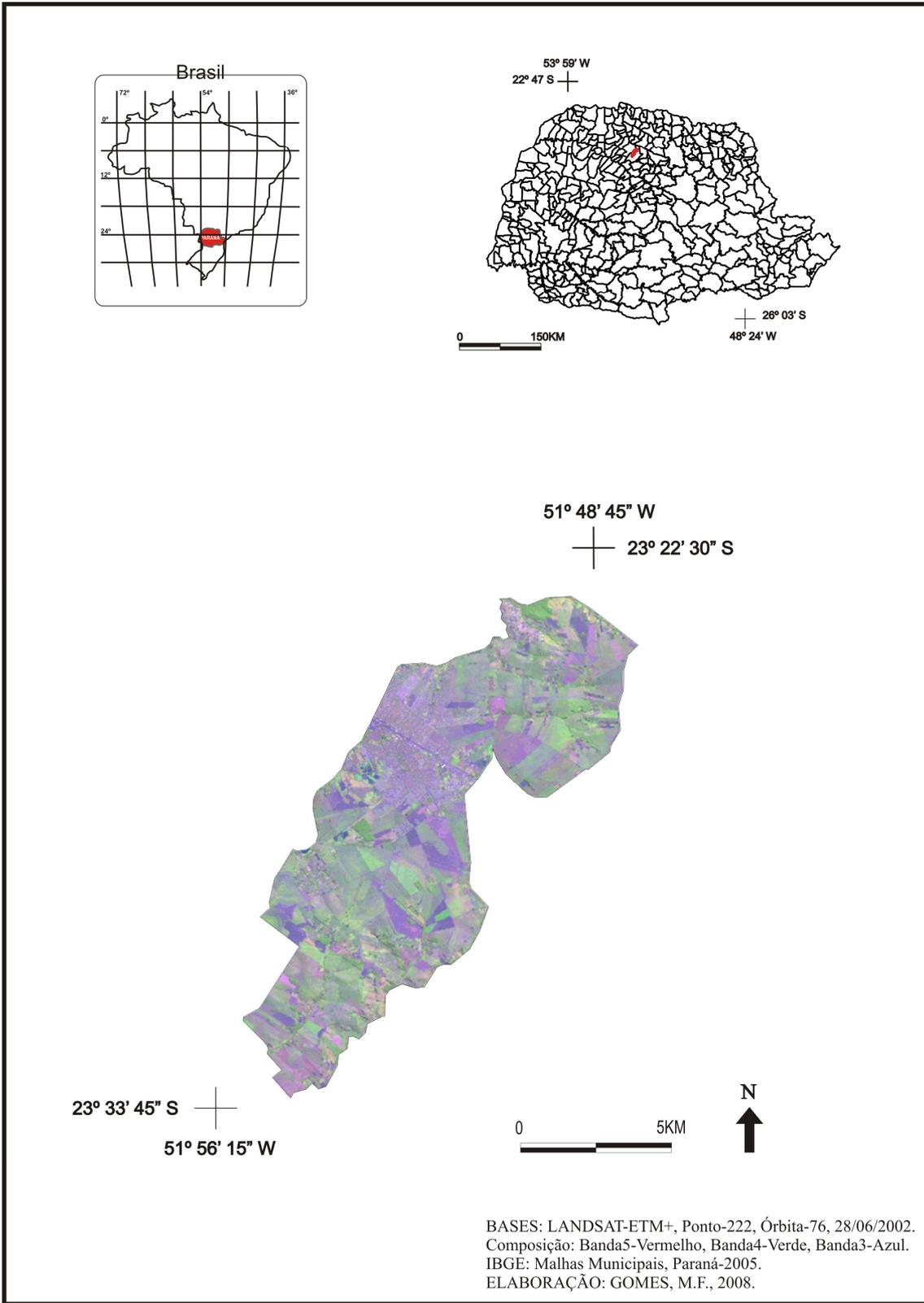


Figura 1: Mapa de localização, Sarandi - PR.

## 2.1. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO REGIONAL

A área pertencente ao município de Sarandi se insere dentro do processo de colonização e ocupação da região Norte do Paraná. Essa região passou por um rápido e intenso processo de ocupação durante o século XX, vinculado principalmente a expansão da cultura cafeeira.

Vários fatores contribuíram para esse acontecimento, Padis (1981) explica que a qualidade das terras, a situação da economia nacional pós 1929 e a evolução da cafeicultura paulista nesse período foram os aspectos mais significativos.

Vários agentes participaram na produção do espaço regional, entre eles os trabalhadores rurais, proprietários fundiários, companhias colonizadoras e o Estado, com destaque para os dois últimos (ENDLICH; MORO, 2003).

A colonização no Norte paranaense ocorreu de forma planejada, houve a participação de diversas companhias colonizadoras, porém uma obteve grande destaque, foi a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

Essa companhia era no início denominada de *Paraná Plantation Company* e pertencia a um grupo inglês, mas durante a 2ª Guerra Mundial com a proibição de propriedades estrangeiras no país, ela acabou sendo adquirida por brasileiros e passou a se chamar Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

A CMNP adquiriu 545.000 alqueires paulistas e realizou uma colonização planejada na região. Entre as características desse empreendimento pode-se destacar o loteamento em pequenas propriedades rurais e com preços baixos, tal fato contribuiu para a ocupação regional, pois atraiu grande parcela de trabalhadores em busca de terra.

Juntamente com o parcelamento das terras houve um planejamento infra-estrutural, onde foram construídas estradas ferroviárias e rodoviárias localizadas no espigão principal da região, o que contribuiu para a produção de um território fluido com ampla dinamicidade econômica (ENDLICH; MORO, 2003).

O planejamento realizado pela CMNP abrangeu também a organização da rede urbana da região. Endlich e Moro (2003, p. 16) destacam que:

*A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná planejou a instalação de uma rede urbana hierarquizada que compreendia a instalação de pequenos núcleos a distância aproximada de quinze quilômetros uns dos outros, procurando atender as necessidades mais imediatas da população rural. Numa distância maior, aproximadamente a cada cem quilômetros foi planejada uma cidade de porte maior, cujo objetivo era fornecer serviços e produtos de demanda menor. Estes núcleos principais ganharam uma localização privilegiada no espigão mestre à margem da ferrovia e da estrada rodoviária principal.*

De acordo com Luz (*apud* ENDLICH; MORO 2003) a idéia dos colonizadores era também de estimular a organização de uma rede regional, vender imóveis e dinamizar os centros urbanos.

Endlich (2006, p. 78) destaca que:

*A formação de uma rede urbana constituía parte da estratégia da Companhia de Terras Norte do Paraná. De acordo com os planos desta empresa, o espaço deveria estar organizado de maneira que os núcleos urbanos pudessem atender às necessidades de uma densa população rural, já que o loteamento ocorreu em pequenas propriedades e havia intenso uso de mão-de-obra.*

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná comercializava tanto lotes rurais como urbanos, inclusive instalando núcleos urbanos. “Essa atitude visava garantir o sucesso da rede urbana implantada”, de modo que essa empresa atuava tanto no planejamento urbano nos núcleos implantados, como, no estímulo ao povoamento desses núcleos (ENDLICH, 1999, p. 8).

A partir dos anos 1970 esses núcleos vão passar por profundas modificações em decorrência das transformações no campo.

## **2.2. TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOESPACIAIS**

A região Norte do Paraná formou uma rede urbana densa e recente, constituída no período cafeeiro a partir da década de 1930. Entretanto, tão rápida como sua formação foram às transformações ocorridas na referida região.

Nas últimas três décadas, o Paraná, especialmente a região Norte do Estado, passou por diversas transformações, tanto do ponto de vista da ocupação, como da evolução urbano – industrial, refletindo dessa forma o modelo capitalista de desenvolvimento brasileiro. Estas transformações influenciaram na sua configuração espacial, tanto no espaço urbano como nas áreas rurais.

No final da década de 1960 e início de 1970 nota-se uma evasão da população rural. A intensidade desse processo é lembrada por Santos (1993) que diz que as perdas mais importantes de população rural no Brasil entre os anos de 1970 e 1980 são verificadas no Estado do Paraná, com aproximadamente 1.168.659 habitantes deixando o meio rural (Gráfico 2).

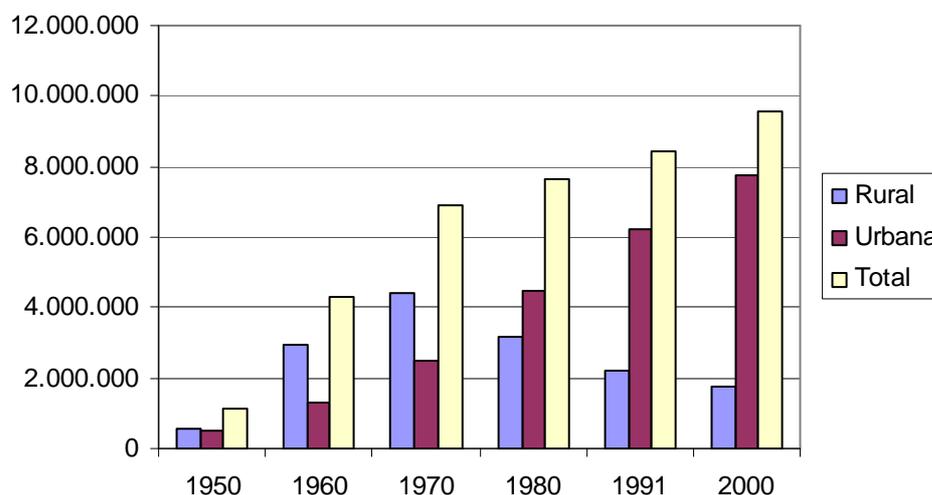


Gráfico 2: Paraná - Evolução da população urbana, rural e total, 1950 - 2000.

Fonte: IBGE.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Tal fato está atrelado às transformações ocorridas no campo. Entre elas pode-se destacar: a intensa mecanização agrícola e uso de insumos modernos; a implantação do Estatuto do Trabalhador Rural, que transformou as relações de trabalho no campo, liberando trabalhadores rurais; a erradicação de cafeeiros, financiada pelo governo; e a geada negra em 1975 que acabou com a maioria das plantações de café.

Ocorre no referido espaço um intenso processo de modernização agrícola, reflexo da política econômica adotada no Brasil, baseada no desenvolvimento urbano – industrial e privilegiando a agricultura moderna.

No Norte do Paraná, de acordo com Moro (1991), o processo de modernização da agricultura foi muito rápido, devido à combinação de uma série de fatores: conjunturais, estruturais, circunstanciais e locais, colaborando para desencadear profundas transformações no espaço rural.

A concentração fundiária, a mecanização da agricultura, frutos da modernização do campo, acabam reduzindo a população rural e modifica a organização espacial do Paraná (MORO, 1992).

As transformações no espaço rural na região setentrional do Paraná, especialmente na década de 1970 causaram um intenso processo de êxodo rural. A migração rural – urbano afeta diretamente a configuração espacial na região. Cabe destacar, que essa mobilidade populacional contribui para um declínio na população total na região entre os anos 1970 e 1980, ao mesmo tempo em que amplia a população urbana. A queda da população total da região pode ser explicada parcialmente pelo fato de que muitos trabalhadores agrícolas se deslocaram para as novas fronteiras agrícolas nas regiões Centro – Oeste e Norte do país.

Porém o processo de declínio da população total não ocorre em todos os municípios. Os municípios pequenos tiveram um declínio econômico e populacional, enquanto os núcleos urbanos considerados centros regionais concentraram atividades e passaram a receber parte da população que deixava as pequenas cidades. (ENDLICH; MORO, 2003)

Mendes (2006) considera que a expulsão do homem do meio rural propicia a concentração de populações migrantes nas periferias das principais cidades (Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu) no Paraná e em outras regiões do país.

No que se refere à população urbana, essa se amplia constantemente ao longo dos anos na maioria das localidades. De uma população predominantemente rural até 1970, o Paraná passa a ter 80% de população urbana em 2000.

A urbanização elevada apresenta em muitos casos uma série de dificuldades. Assim, diversas cidades crescem acentuadamente, porém, algumas não possuíam infraestrutura urbana adequada para encarar esse processo de crescimento populacional elevado em um pequeno espaço de tempo, surge então uma variedade de problemas sociais e econômicos, como: habitação, saúde, educação, emprego, entre outros.

Sarandi se enquadra nesse contexto, com um crescimento demográfico e espacial em um curto espaço de tempo, resultante das transformações regionais, e acompanhadas por uma série de carências urbanas e sociais.

### 2.3. A FORMAÇÃO DO AGLOMERADO URBANO

Com o êxodo rural municípios que haviam sido pré-estabelecidos para exercerem funções de centros regionais, apresentam maior evolução populacional. Maringá foi planejada pela CMNP para exercer o papel de centro regional, com as transformações no meio rural, essa área se torna um ponto de atração para a população que deixava o campo, então o município aos poucos se consolida como centro regional, e polariza municípios ao seu entorno.

O êxodo rural se intensificava, ao passo que Maringá se definia como pólo agroindustrial. Seu perímetro urbano é intensamente ocupado, com novos loteamentos surgindo para atender a demanda que vinha do campo (MORO, 2003).

A cidade diversifica suas atividades econômicas e seus papéis urbanos, reforçando seu papel dentro da rede urbana (ENDLICH; MORO, 2003). As inovações econômicas em Maringá passam a atrair contingente populacional em larga escala para o aglomerado urbano. O crescimento populacional é acompanhado também pela elevação da urbanização.

Maringá que possuía no ano de 1950 uma população de 38.588 pessoas, com apenas 18,84% habitando a zona urbana, passa a ter 121.374 pessoas vivendo em seu território no ano 1970, sendo que 82,47% habitavam a área urbana. Esse aumento populacional continua nos anos seguintes, e a população maringaense é cada vez mais urbana (tabela 1).

Tabela 1: Maringá – PR, Evolução da população rural, urbana e total, 1950 – 2000.

	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Rural	31318	56693	21274	7549	6198	4673
MARINGÁ Urbana	7270	47592	100100	160645	233732	283792
Total	38588	104231	121374	168194	239930	288465

Fonte: IBGE

Organização: Márcio F. Gomes, 2008

A produção do espaço urbano em Maringá acelerou-se com a abertura de novos loteamentos, ou seja, incorporação de áreas rurais e sua conversão em área urbana. Todo esse processo repercute na sua malha urbana que ultrapassa as divisas do município, e agrega as vizinhas Paiçandu e Sarandi, levando à conurbação (MENDES, 2006).

De acordo com Moro (2003, p. 68):

*A conurbação manifestou-se, primeiramente, com maior intensidade entre Maringá e Sarandi e, logo a seguir, entre Maringá e Paiçandu, face suas proximidades de Maringá e, sobretudo, pelo menor custo da vida urbana, acolheram milhares de novos habitantes, durante as duas últimas décadas do século XX, transformando-se em cidades dormitórios. Papel que gradativamente vem perdendo intensidade.*

Maringá forma com Sarandi e Paiçandu uma malha urbana contínua. No caso de Paiçandu as áreas urbanas ainda estão relativamente separadas por 5 km. Essas cidades formam, juntamente com Marialva, um aglomerado urbano (figura 2).



Figura 2: Aglomerado Urbano de Maringá.

Fonte: Google Earth, 2008.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

No processo de urbanização de Maringá, o custo de vida na cidade se apresentou ao longo dos anos muito alto para a classe de baixa renda, isso faz com que grande parte da população não consiga suportar os gastos com habitação, serviços urbanos e bens de consumo e se desloquem para cidades vizinhas.

A produção do espaço na Região Metropolitana de Maringá seguiu desde o início uma orientação que reproduziu no território processos de desigualdade social pela ação do mercado imobiliário. Definindo assim uma espacialidade que separou os moradores conforme sua possibilidade de acesso ao solo urbano, a dimensão desse

processo fez com que muito só encontrassem possibilidade de moradia nos municípios no entorno da cidade (RODRIGUES, 2004).

Durante o desenvolvimento de Maringá, as cidades de Sarandi e Paiçandu foram os espaços acessíveis à moradia para os segmentos da população de baixa renda, devido à flexibilidade da legislação urbanística, além dos terrenos menores e mais baratos, porém essa população vai se assentar em loteamentos precários, destituídos de qualquer infra-estrutura básica (RODRIGUES, 2004).

Com isso, Sarandi e Paiçandu caracterizam um processo de periferização no aglomerado urbano de Maringá.

*Em cidades médias, como é o caso de Maringá, encontra-se uma ocupação caracterizada pelo modelo núcleo periferia, já que, no espaço intraurbano maringaense, a ocupação é predominantemente polarizada. No centro estão localizadas as elites e camadas médias altas da população e, na periferia, a ocupação residencial dá-se pelas médias baixas e reproduz em relação aos municípios do entrono, no qual Maringá figura como centro da ocupação e os municípios contíguos, como periféricos. (RODRIGUES, 2004, 136).*

Há então no aglomerado urbano de Maringá um processo de segregação espacial, onde a população de menor poder aquisitivo é “empurrada” para cidades do entorno, onde a qualidade dos equipamentos e serviços urbanos é inferior à cidade pólo.

### **2.3. A EVOLUÇÃO URBANA EM SARANDI**

Sarandi em posição geográfica privilegiada com localização próxima a Maringá, se torna um ponto de atração do contingente de trabalhadores que deixavam a zona rural, assim o município passa por um rápido crescimento populacional e urbano em poucos anos (Tabela 2).

Tabela 2: Sarandi – PR, População, rural, urbana e total 1960-2000.

POPULAÇÃO	1960	1970	1980	1991	2000
URBANA	2.058	2.139	19.742	47.950	69.468
RURAL	5.331	5.368	2.055	1.771	1.924
TOTAL	7.384	7.507	21.792	49.721	71.392

Fonte: IBGE, 2001

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Este fato está intimamente relacionado ao alto custo de vida em Maringá, o que faz com que muitas pessoas busquem locais economicamente mais acessíveis.

Figueiredo (2006, p. 29-30) destaca que:

*Com o intenso processo de urbanização em Maringá, grande parte da população de baixo poder aquisitivo não consegue suportar os custos de habitação, de serviços urbanos e dos bens de consumo coletivos, pois estes não fazem mais parte da realidade daquela população. A especulação imobiliária tornou-se inviável tanto para a compra e venda como para a locação de imóveis em Maringá. Frente essa situação, Sarandi veio caracterizar o processo de “periferização” de Maringá, pelo baixo custo social e econômico. A proximidade com Maringá faz com que Sarandi atraia cada vez mais pessoas, tanto de Maringá como de outras regiões. Em decorrência deste fato a população urbana de Sarandi cresce extraordinariamente.*

Um olhar sobre a taxa de crescimento de Sarandi proporciona um dimensionamento melhor da intensidade desse processo. O município apresentou entre os anos de 1991 e 2000 uma taxa de crescimento populacional de 5,42%, enquanto Maringá cresceu 2,23% (Tabela 3).

Tabela 3: Taxa de crescimento anual da população nos municípios do Aglomerado Urbano de Maringá entre 1991 – 2000.

Município	Taxa de crescimento anual, 1991 – 2000.
Marialva	3,00%
Maringá	2,23%
Paiçandu	4,27%
Sarandi	5,42%

Fonte: Adaptado de Endlich (2006)

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O índice de crescimento do número de domicílios em Sarandi é o maior dentro do aglomerado urbano. Cabe destacar que entre 1970 e 1980, período de transformações

em toda a região, e em que Sarandi obteve elevado crescimento demográfico e urbano, a taxa de crescimento no número de domicílios foi de 976% (tabela 4).

Tabela 4: Índice de crescimento do número de domicílios do Aglomerado Urbano de Maringá no período 1970 – 2000

Período	Maringá	Sarandi	Marialva	Paiçandu	Aglomerado
1970 - 1980	69%	976%	94%	322%	92%
1980 - 1991	58%	142%	89%	136%	71%
1991 - 1996	33%	45%	25%	45%	35%
1996 - 2000	17%	42%	14%	13%	18%

Fonte: Adaptado de Mendes (2006, p. 22).

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Sarandi que havia sido planejada para exercer o papel de núcleo secundário, de fornecedor de bens e serviços para o campo, recebe novo papel, torna-se local de refúgio para a população expulsa do campo e que não suporta o custo de vida em Maringá.

A explicação está no fato de Maringá ser uma cidade excludente pelo alto custo de vida, enquanto Sarandi acolhe essa população “expulsa” devido seu baixo custo de vida (VELOSO, 2003).

Dentro desse contexto, acredita-se que as grandes mudanças (estruturais e conjunturais) ocorridas no ambiente urbano de Maringá por volta da década de 1970 acabaram por refletir na cidade de Sarandi (...). O que se pressupõe é que, enquanto Maringá passou a ser o centro de decisões, Sarandi reflete os processos comandados pela cidade pólo, ou ainda caracterizando-se como cidade fornecedora de mão de obra não qualificada. (FIGUEIREDO, 2006, p. 30)

Cabe destacar que nesse período Sarandi era distrito de Marialva, mas com o elevado crescimento demográfico na década de 1980, e com a população se manifestando favorável, foi possível a emancipação política.

A população de Sarandi cresce extraordinariamente e passa a se concentrar a partir da década de 80 no espaço urbano. Tal fato é reflexo das transformações ocorridas na economia regional. As mudanças no campo favorecem o crescimento urbano de Sarandi (Gráfico 3).

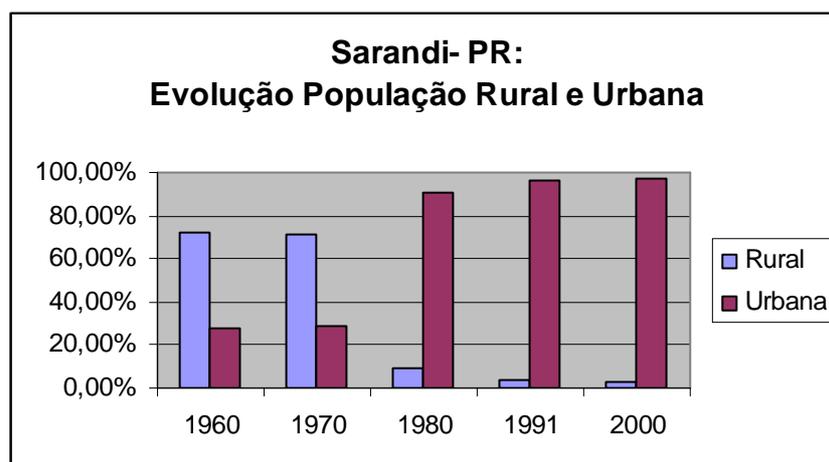


Gráfico 3: Sarandi – Evolução da população rural e urbana, 1960 – 2000.

Fonte: IBGE.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Sarandi cresce adquirindo características de área periférica. Para compreender a periferização de Sarandi, é importante atentar para expansão territorial que vem ocorrendo nos últimos 30 anos e entender sua relação com a cidade de Maringá como fornecedora de mão de obra (FIGUEIREDO, 2006).

Sarandi passa a concentrar em sua área, predominantemente, a presença de segmentos operários, isso a caracteriza como cidade dormitório, pois nela reside boa parte da mão de obra demandada pelo município de Maringá (RODRIGUES, 2004).

Com o aumento populacional da cidade surge a necessidade de abertura de novos loteamentos. O perímetro urbano de Sarandi cresce de forma intensa, várias construtoras e imobiliárias começam a investir na cidade, que passa a ser uma área de extensão do crescente mercado imobiliário de Maringá.

Sarandi conhece a especulação imobiliária que ocorria em Maringá. Os incorporadores imobiliários atuam em Sarandi para atender a população de menor renda que reside em Maringá e não tem condições de obter um terreno ou casa própria.

Num primeiro momento, Marialva comanda a produção do espaço urbano de Sarandi, via as várias e constantes Leis municipais de ampliação do perímetro urbano. Essas leis evidenciavam interesses daqueles que detinham o poder e que possuíam terras naquele distrito, e da troca de favores aos “amigos da cidade”. Num segundo momento, também fazendo parte do conteúdo daquelas Leis e do comando da produção do espaço urbano em Sarandi, transfiguravam os agentes privados, sobretudo as empresas Vicky e Sol. O desenvolvimento do mercado fundiário do Distrito trouxe consigo a característica do superlucro ao proprietário individual, submetendo-o à divisão da renda que poderia auferir sozinho com as empresas imobiliárias. Isso mostra que Sarandi é fruto tanto de Marialva quanto de Maringá. (FIGUEIREDO, 2006, p.30)

Os novos loteamentos que se expandiam eram direcionados a segmentos populacionais de baixo poder aquisitivo, assim não há interesse por parte das empresas imobiliárias em instalar equipamentos e serviços urbanos de qualidade nos novos empreendimentos.

O poder público por sua vez se mostra omissivo e não impõe barreiras à proliferação desses espaços sem infra-estrutura. Então, o espaço urbano de Sarandi se expande com uma falta de diretrizes e regulamentação, loteamentos são criados sem o mínimo de infra-estrutura e organização.

Sarandi passa então por um processo de deteriorização do seu espaço urbano, com um crescimento urbano sem planejamento e marcado pelo surgimento de periferias urbanas, ou seja, áreas com falta de equipamentos e serviços urbanos, e local de residência da classe de baixa renda.

Esse processo acaba refletindo no desenvolvimento do espaço urbano de Sarandi. Segundo Mendes (2006, p. 15):

*No contexto do aglomerado, o caso da expansão de Sarandi pode merecer sem exagero, no final dos anos de 1970 e início de 1980, o qualificativo “desordenado”, gerando grandes dificuldades à cidade de Marialva, pois foi distrito desta até 1981. Tal lógica seguiu as estratégias e ações do mercado imobiliário de Maringá. Muitas vezes não levou em conta, sequer, o princípio básico de manutenção das diretrizes do sistema viário. Como consequência o processo desenvolvido gerou uma malha viária urbana desarticulada, apoiada em um padrão de parcelamento e um sistema viário no qual é difícil perceber claramente uma hierarquia.*

A expansão urbana ocorre desarticulada da malha urbana, com diversos loteamentos mal planejados, e acaba desorganizando o traçado da cidade, levando à constituição de um sistema viário desarticulado e sem hierarquia de vias.

Essa expansão é ainda mais afetada pela especulação imobiliária. Campos Filho (1989) assinala que a crescente especulação imobiliária nas cidades brasileiras acaba empurrando cada vez mais o trabalhador de baixa renda para posições cada vez mais periféricas com o mínimo de estrutura. Alguns loteamentos foram implantados de forma alongada, distante da área central, como é o caso do Jardim Universal, enquanto diversas áreas próximas ao centro se encontram desocupadas.

Os loteamentos surgiram de forma desordenada e sem infra-estrutura, ligados à especulação imobiliária sofrida pela cidade devido à proximidade com Maringá. A forte

exploração do uso do solo como mercadoria fez com que o planejamento inicial traçado pela CMNP não fosse respeitado, trazendo sérios problemas à cidade.

*A maioria dos loteamentos foi aberta sem asfalto, água, esgoto ou energia elétrica, ou seja, sem a infra-estrutura básica necessária. Resultando, como dissemos, da desordenada ocupação do espaço, empreendida pelas ações especulativas dos agentes imobiliários privados (que buscaram o máximo de exploração econômica com o mínimo de contrapartida), reiterada pelo apoio dos agentes públicos (RODRIGUES, 2004, p. 103)*

Assim, o elevado crescimento populacional do município encontra-se materializado no espaço urbano, com todas as contradições que permeiam a constituição da sociedade. Assim, no território, verifica-se que o aumento da população não é acompanhado pela instalação adequada de infra-estruturas. A urbanização crescente traz vários problemas à cidade. Neste sentido Veloso (2003, p.35) aponta que:

Sarandi acolheu os migrantes que vieram atraídos pela cidade pólo (Maringá), e com isso cresceu populacionalmente, não dando conta de oferecer o mínimo de infra-estrutura necessária (asfalto, galerias pluviais, habitação, entre outras necessidades básicas), ocasionando um crescimento inesperado, ou seja, um inchaço populacional, oferecendo para os moradores muitos problemas. Moradias com preços inferiores, sim, porém, em condições precárias.

O crescimento horizontal de Sarandi ocorre de acordo com a espontaneidade do mercado, com bairros distantes do centro e com vários problemas urbanos, entre eles destaca-se o Jardim Universal.

## PARTE 3

### CONDIÇÕES DE VIDA NO JARDIM UNIVERSAL

#### 3.1. O JARDIM UNIVERSAL

O Jardim Universal está localizado na periferia do município de Sarandi, no setor nordeste do espaço urbano. O bairro tem um formato alongado acompanhando a vertente onde se encontra, conta com duas avenidas que vão do divisor de água até o fundo do vale, elas são cortadas por várias ruas transversalmente (Figura 3).

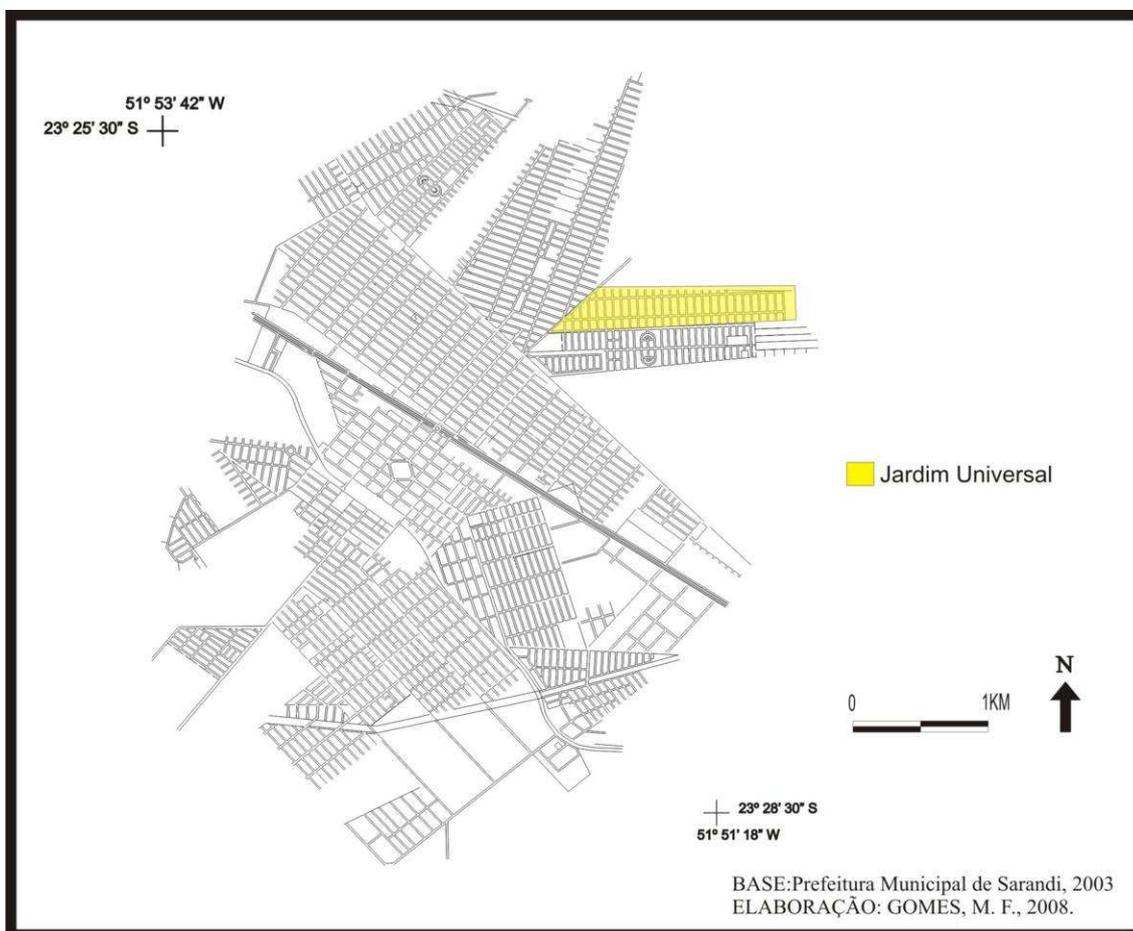


Figura 3: Sarandi – PR, Mapa localização, Jardim Universal.



Figura 4: Sarandi – PR, Jardim Universal.

Sua formação ocorreu no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, período em que Sarandi passou por um elevado adensamento populacional e conseqüentemente expansão da malha urbana.

O crescimento desorganizado que o município sofreu no período de sua expansão pode ser parcialmente constatado no Jardim Universal que se desenvolveu com muitas carências.

O bairro foi implantado sem a instalação de infra-estrutura adequada, o que acarretou inúmeras dificuldades para a população local e para o poder público.

Entre os “problemas urbanos” no bairro podem-se destacar alguns: as ruas não são pavimentadas, faltam estabelecimentos comerciais no local, ausência de rede de esgoto, muitos lotes estão vazios e acabam servindo como depósitos de lixo, entre outros. Esta falta de infra-estrutura atinge a população local no seu cotidiano.

Quanto ao uso do solo, o Jardim Universal conta com predomínio de uso residencial, poucas atividades comerciais, além de uma quadra no bairro com serviços públicos (posto de saúde, creche e escola de primeiro grau). Contudo, grande parte dos lotes está ainda desocupada.

Em seguida serão abordadas as características do bairro e de seus moradores, a questão relativa à falta de infra-estrutura e equipamentos urbanos e suas implicações nas condições de vida dos habitantes.

### **3.2. O JARDIM UNIVERSAL E SUA POPULAÇÃO**

O Jardim Universal conta com uma população de aproximadamente 2.110 habitantes (IBGE, 2000), o que representa 3,29% da população urbana de Sarandi. Há um equilíbrio em relação ao sexo da população, 50,33% são homens e 49,67% são mulheres. A estrutura etária revela um bairro composto por uma população jovem, aproximadamente 80% das pessoas tem menos de 40 anos (Gráfico 4).

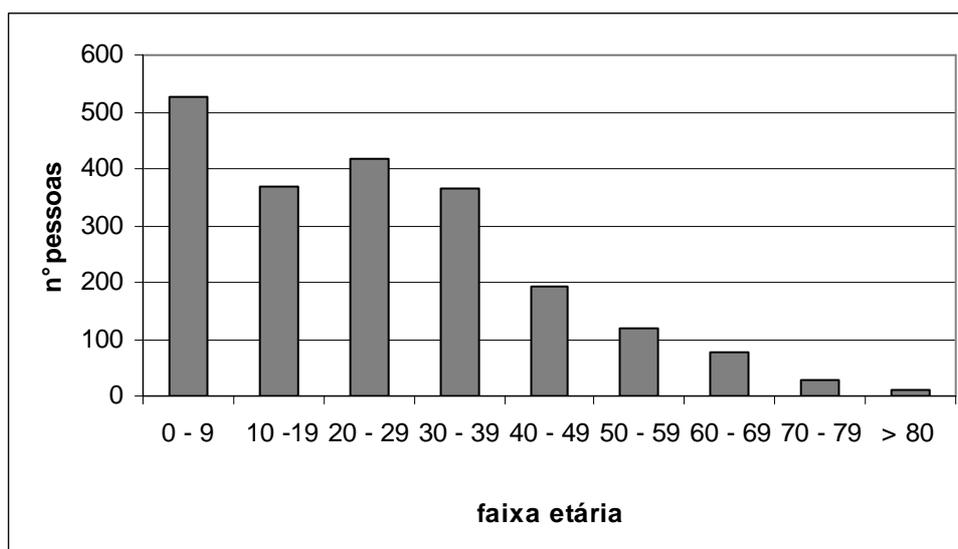


Gráfico 4: Sarandi – PR, Estrutura etária da população, Jardim Universal, 2000

Fonte: IBGE, 2000.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O bairro se caracteriza por possuir uma população predominantemente de baixa renda. Aproximadamente 16% dos responsáveis das famílias apresentam rendimento abaixo de um salário mínimo e 8,81% estão sem rendimento. Nenhum responsável de domicílio obtém ganhos maiores que dez salários mínimos. (Tabela 5).

Tabela 5: Sarandi – PR, Rendimento mensal por responsável do domicílio, Jardim Universal, 2000.

Rendimento Mensal	N° de famílias	%
Até 1/2 salário mínimo	2	0,68
De 1/2 a 1 salário mínimo	46	15,59
De 1 a 2 salários mínimos	117	39,66
De 2 a 3 salários mínimos	72	24,41
De 3 a 5 salários mínimos	26	8,81
De 5 a 10 salários mínimos	6	2,03
Mais de 10 salários mínimos	0	0
Sem rendimento	26	8,81
<b>Total</b>	<b>295</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 2000.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Estas pessoas são, na grande maioria, trabalhadores de baixa qualificação profissional, ocupam cargos que oferecem baixos salários, como por exemplo: porteiro, empregada doméstica, costureira, vendedor, auxiliar de serviços gerais, entre outros.

Eles possuem pouca instrução, 15,41% não são alfabetizados, e entre os alfabetizados 73,56% cursou apenas o primeiro grau (Gráfico 5; Tabela 6).

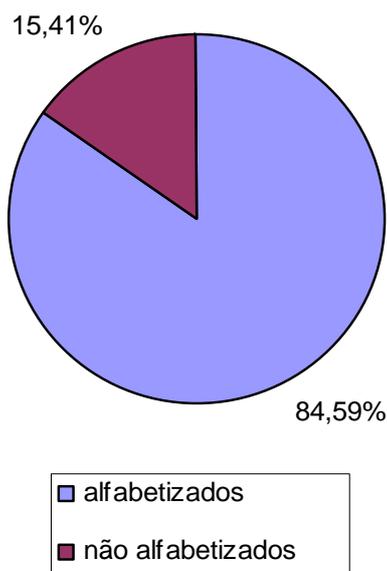


Gráfico 5: Sarandi-PR, População alfabetizada, Jardim Universal, 2000.

Fonte: IBGE, 2000.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Tabela 6: Sarandi – PR, Curso mais elevado que o responsável familiar frequentou, Jardim Universal, 2000.

Escolaridade	Nº pessoas responsáveis por domicílio	%
Primeiro Grau	217	73,56
Segundo Grau	23	7,79
Superior	4	1,37
Alfabetização de adultos	7	2,36
Nenhum	44	14,92
<b>Total</b>	<b>295</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 2000.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O crescimento demográfico de Sarandi não foi acompanhado pela geração suficiente de empregos, dessa forma muitas pessoas são obrigadas e se deslocam para cidades vizinha para trabalhar. No Jardim Universal 48,28% dos entrevistados trabalham fora de município, sendo exclusivamente em Maringá (Gráfico 6).

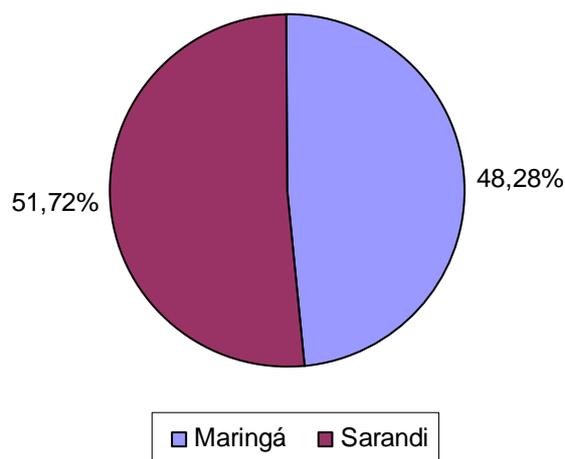


Gráfico 6: Sarandi – PR, Local de trabalho da população, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A maioria dos habitantes veio para o bairro a partir dos últimos vinte anos. Um fato que chama a atenção é que grande parte dos moradores mudou recentemente, 40% das pessoas entrevistadas vieram para o bairro a menos de cinco anos, sendo que pouco mais de 20% a menos de um ano (Gráfico 7).

Essa constatação do pouco tempo de residência no bairro revela uma característica da urbanização brasileira, onde é comum a rotatividade de pessoas pelos bairros. Em geral, isto se dá porque as classes mais baixas vivem pagando aluguéis assim estão sempre mudando para locais que ofereçam um preço mais em conta e onde há oportunidade de aquisição da casa própria.

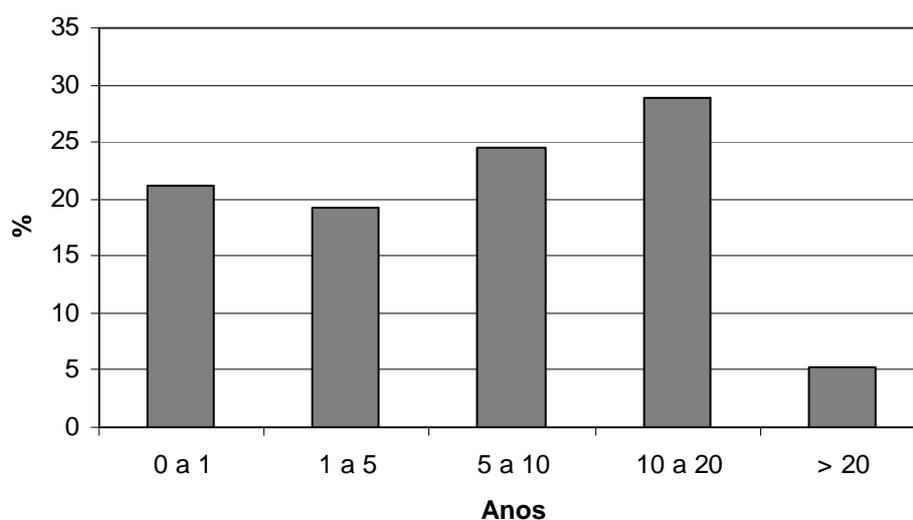


Gráfico 7: Sarandi – PR, Tempo de residência no bairro, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A origem dos habitantes do Jardim Universal, é na maioria dos casos, da própria cidade de Sarandi. Neste grupo encontram-se principalmente os moradores mais recentes do bairro, que vieram principalmente do Jardim Independência, outro bairro periférico da cidade. O deslocamento de uma periferia para outra, está relacionado à valorização de algumas zonas periféricas que obrigam os moradores a se deslocarem para outras áreas onde o terreno, imóvel ou aluguel é mais barato.

A representatividade de Maringá como antigo local de moradia é expressiva (26,32%), essas pessoas representam os que mudaram para o bairro a mais tempo. Muitas pessoas do bairro também vieram de outras cidades do Paraná, 24,56% (Gráfico 8). Esses dados refletem a taxa de crescimento de Sarandi, uma das maiores do Estado. A cidade atrai cada vez mais pessoas, a proximidade de Maringá e o custo de vida menor representam os principais fatores de atração.

Relacionando os dados de tempo de moradia e último local de residência, nota-se que os moradores mais antigos vieram da zona rural e de Maringá, enquanto os mais recentes dizem ter vindo de outros municípios do Paraná e de outros bairros de Sarandi. Assim, é possível diferenciar nesse bairro os fluxos que formam uma cidade como Sarandi. No primeiro momento de êxodo rural mais intenso o bairro recebia pessoas que migravam do campo para a cidade durante o processo de modernização da agricultura na região, a maioria deles buscou primeiramente viver em Maringá, mas o custo de vida na cidade acabou deslocando esses habitantes para Sarandi, onde o custo de vida é mais baixo. No período mais recente o fluxo decorre da vinda de moradores de pequenas cidades da região, Sarandi em posição privilegiada e com custos sociais acessíveis se torna um local atrativo.

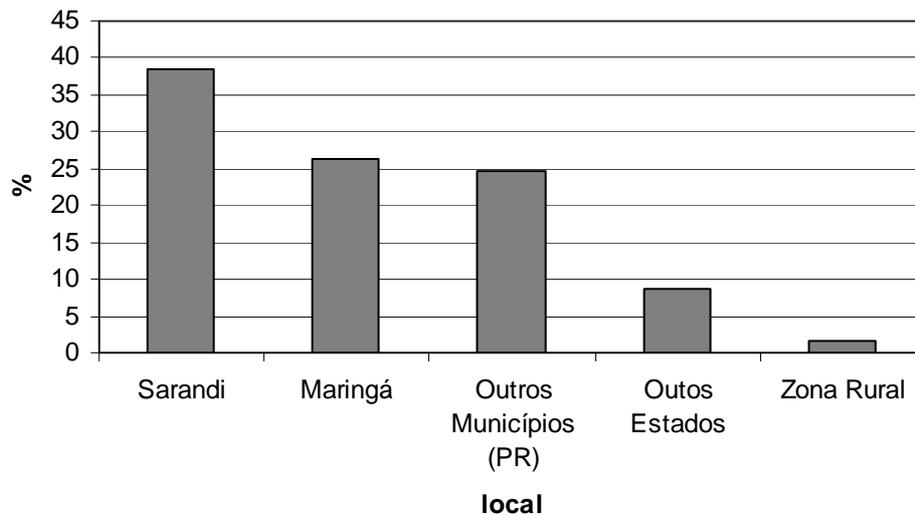


Gráfico 8: Sarandi – PR, Último local de residência, Jardim Universal, 2008.  
 Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
 Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O baixo custo de vida como fator de atração pode ser notado no Gráfico 9, que mostra que o baixo preço do terreno é o principal fator de atração do Jardim Universal. A maioria dos moradores (59,65%) aponta esse fato como responsável pela mudança para o bairro.

O preço do aluguel também se insere como ponto determinante para atração da população pobre. Entre os entrevistados, os que pagam aluguel justificaram ser este o atrativo do bairro, eles representam os moradores recentes do bairro.

Entre outros fatores que os levaram para o bairro estão motivos familiares (casamento, proximidade da família, etc.) e as transformações no meio rural que os obrigaram a vir para cidade (aqui se encaixam os moradores mais velhos).

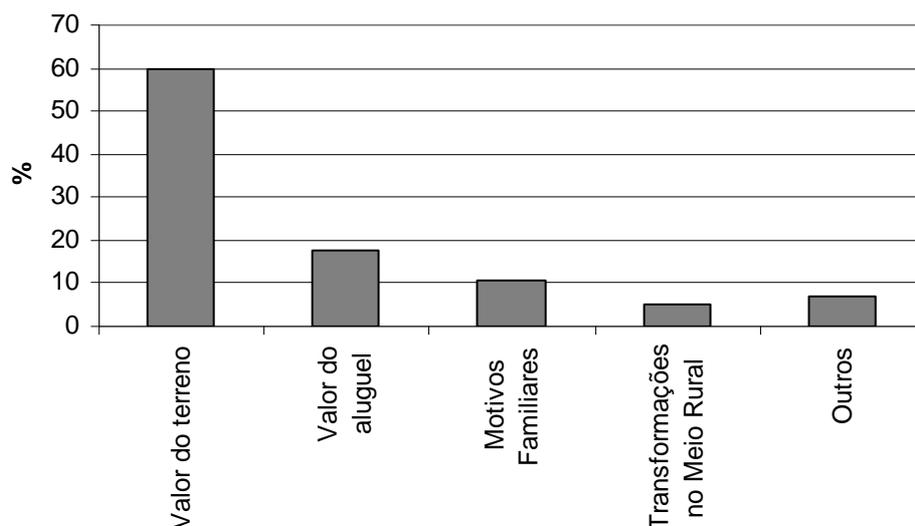


Gráfico 9: Sarandi – PR, Fator de atração do bairro, Jardim Universal, 2008.  
 Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
 Organização: Márcio F. Gomes.

Segundo os dados do Censo Demográfico de 2000 existem 567 domicílios particulares no Jardim Universal, dos quais 563 são permanentes e 4 são improvisados. A maioria dos habitantes do bairro (73,37%) reside em casa própria, apenas uma minoria mora em casa alugada (Tabela 7).

Tabela 7: Sarandi - PR, Domicílios segundo condição de ocupação, Jardim Universal, 2000.

Condição de ocupação	Nº Domicílios	%
Casa própria (quitada)	416	73,37
Casa própria (em aquisição)	3	0,53
Alugada	84	14,81
Cedida	53	9,35
Domicílio improvisado	4	0,71
Outra condição	7	1,23
<b>Total</b>	<b>567</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 2000.  
 Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Como foi dito anteriormente, muitas pessoas mudaram para o Jardim Universal recentemente, habitando principalmente residências alugadas. Esse fato pode ter causado um aumento na porcentagem de residência alugadas no bairro, nas entrevistas

21,43% das pessoas disseram viver em casa alugadas, esse número representa um pequeno aumento em relação aos 14,81% de 2000.

O valor do aluguel se encontra na média de R\$ 130,00. O aluguel mais caro encontrado entre os entrevistados foi de R\$ 200,00, tal fato mostra o exposto anteriormente, que dizia que o baixo valor do aluguel é um dos fatores de atração.

Os moradores que residem em casa própria foram questionados quanto à forma de pagamento, as respostas foram bem divididas, um pouco mais da metade adquiriram o terreno através de pagamento parcelado (Gráfico 10).

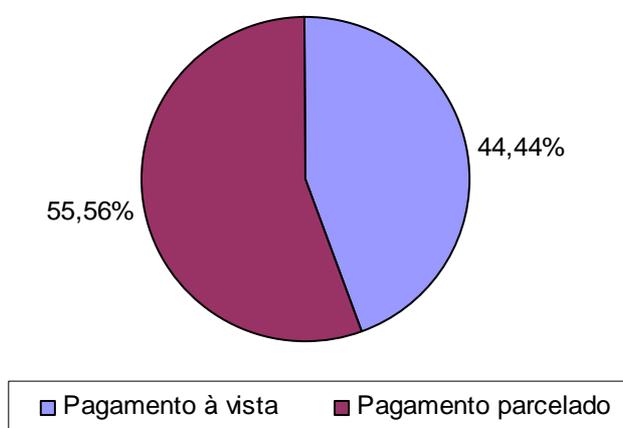


Gráfico 10: Sarandi – PR, Forma de pagamento do domicílio, Jardim Universal, 2008.  
Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Observa-se, então, que mesmo se tratando de um loteamento comparativamente barato, o poder aquisitivo dos moradores não é suficiente para adquiri-lo à vista.

### **3.3. APECTOS URBANÍSTICOS E O ACESSO AOS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS**

O Jardim Universal apresenta diversos problemas, principalmente no que se refere à infra-estrutura e serviços urbanos. Um olhar sobre o parcelamento do solo, implantação das ruas e traçado revela que este bairro foi elaborado para abrigar uma população de classe baixa (Figura 5).

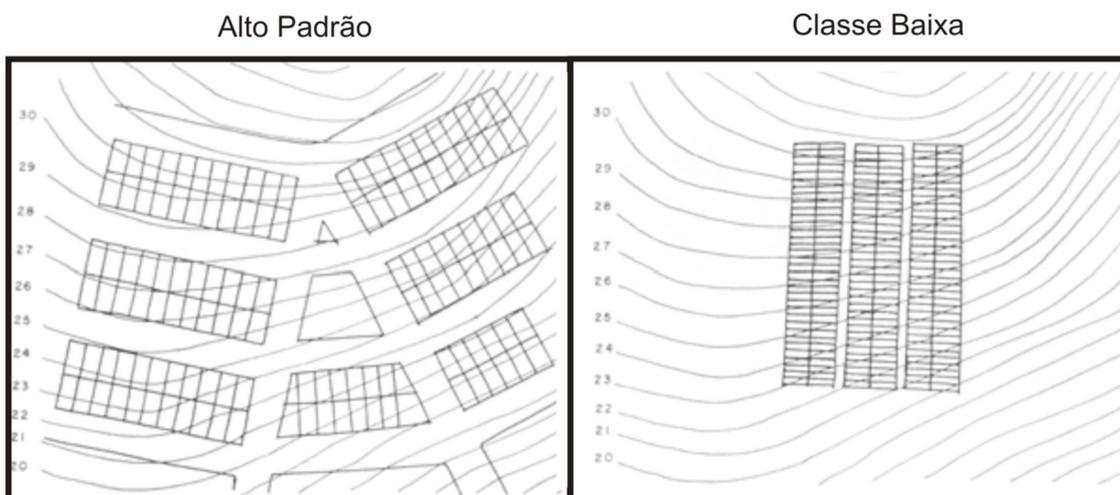


Figura 5: Implantação das ruas em loteamentos de alto padrão e de classe baixa.  
 Fonte: Mascaro (1994 apud BENADUCE, SILVA e MELO, 2003)  
 Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A extensão dos lotes, a disposição descuidada em relação ao relevo e o arruamento estreito e simplificado são alguns elementos que mostram tratar-se de um espaço produzido não para o efetivo atendimento dos seus moradores, mas sim como um empreendimento, enfim, resume os interesses de certos grupos alheios à vida social que se instala posteriormente na área.

Os moradores apontaram a ausência de asfalto como o maior problema do bairro. A constante falta de água também foi sinalizada como um dos grandes problemas do bairro. Outros pontos colocados como problemáticos no bairro foram a falta de segurança, o comércio pouco diversificado e a ausência de rede de esgoto (Gráfico 11).

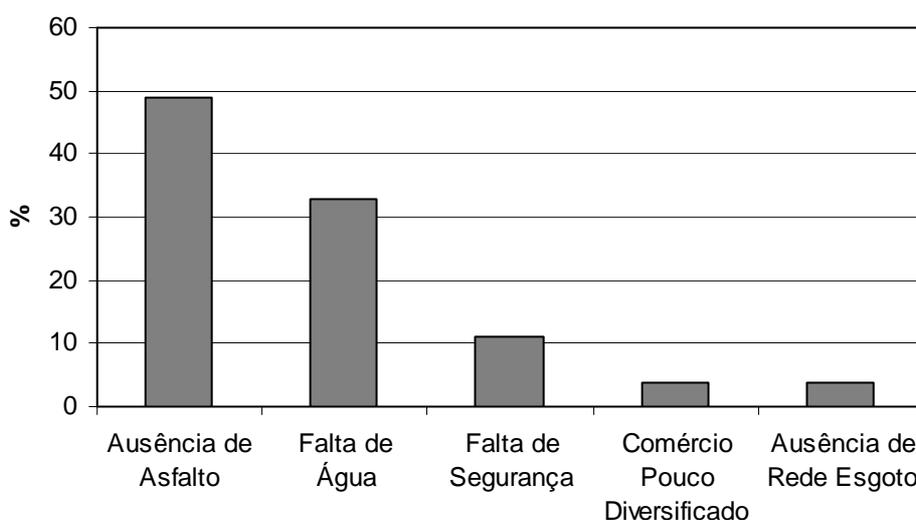


Gráfico 11: Sarandi – PR, ponto negativo do bairro, Jardim Universal, 2008.  
 Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
 Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O bairro sofre com a ausência de pavimentação viária (Figuras 6 e 7). A maioria das ruas estão sem pavimentação (92,93%), apenas um pequeno trecho da Avenida Universal conta com ruas pavimentadas, cabe destacar que essa pavimentação se divide em áreas asfaltadas e áreas com pedras irregulares (Tabela 8).

Tabela 8: – Sarandi - PR, situação viária, Jardim Universal, 2008.

Situação Viária	Metros	%
Vias pavimentadas com asfalto	278,70	2,86
Vias pavimentadas com pedras irregulares	410,32	4,21
Vias sem pavimentação	9050,32	92,93
Total	9739,34	100

Fonte: Trabalho de Campo, 2008.

Organização: Gomes, M. F., 2008

Este fato traz inúmeras dificuldades para os moradores do local, as ruas sem pavimentação causam constante poeira, tal fato causa desconforto e afeta a qualidade de vida da população (pode trazer complicações à saúde, como doenças respiratórias), já em dias de chuva a formação de barro dificulta a locomoção.

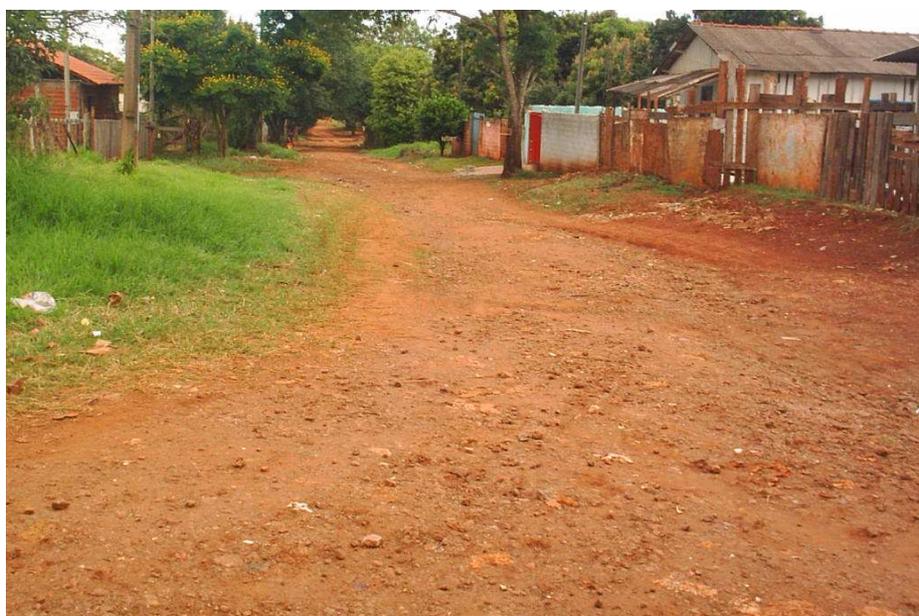


Figura 6: Sarandi – PR, Rua sem pavimentação, Jardim Universal.

Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

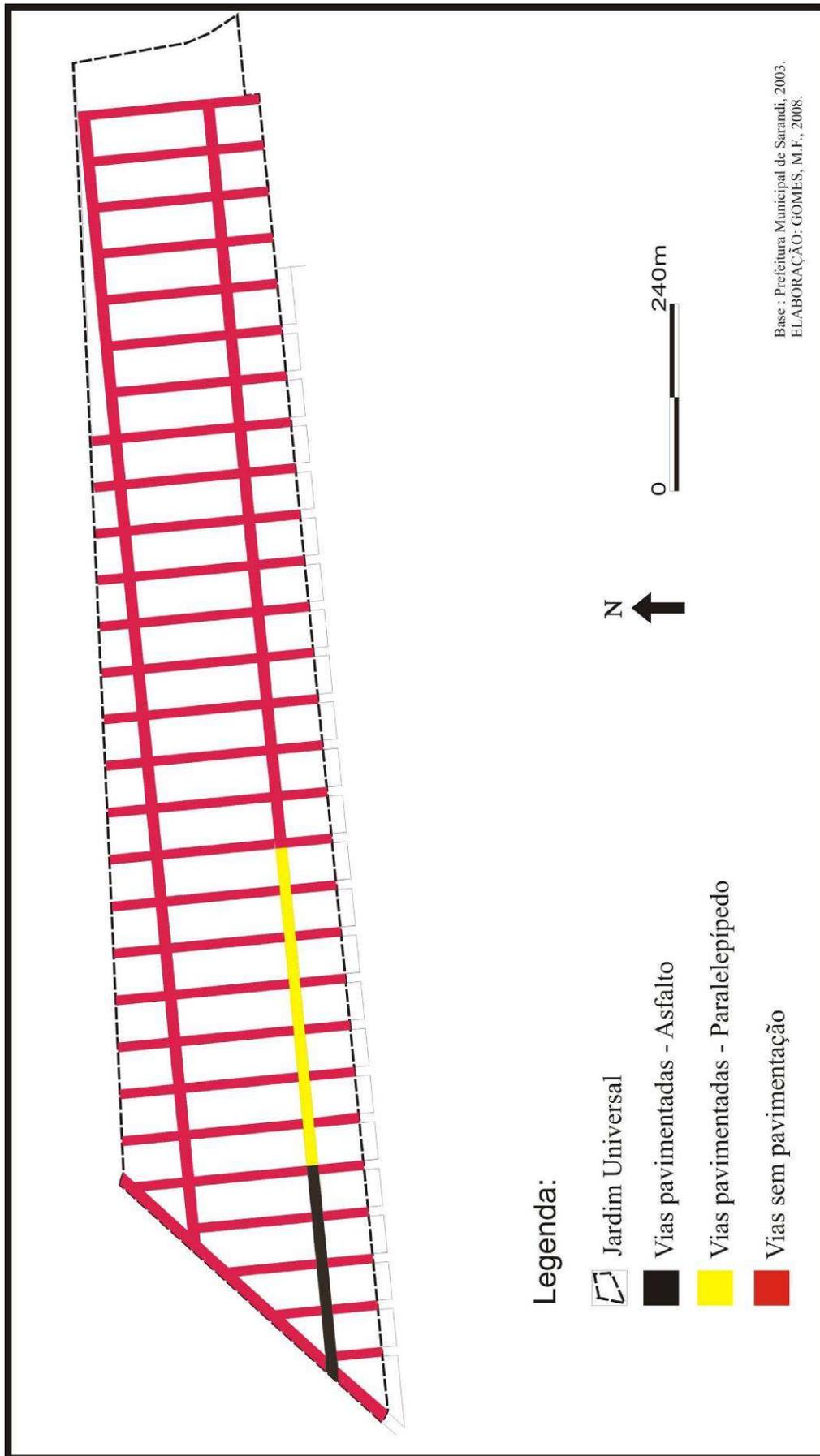


Figura 7: Sarandi – PR, Situação viária, Jardim Universal.

Os equipamentos e serviços de saneamento básico do Jardim Universal são precários. Ocorre falta de água frequentemente, principalmente nos finais de semana, afetando o desenvolvimento de atividades domésticas, como: lavar roupa, limpar a casa, tomar banho, entre outras. Esse fato prejudica e muito a vida destas pessoas, que geralmente trabalham a semana toda e dispõem apenas do final de semana para executar estas atividades.

O esgotamento sanitário do bairro apresenta péssimas condições, algumas residências utilizam rios e escoadouros improvisados para liberação do esgoto, apenas 1,59% dos domicílios está ligada a rede geral de esgoto, enquanto 97,51% utilizam fossas rudimentares (Tabela 9). Esta problemática representa um risco para saúde dos moradores locais.

Tabela 9: Sarandi – PR, Condições de esgotamento sanitário, Jardim Universal, 2000.

Esgotamento Sanitário	Nº Domicílios	%
Rede geral de esgoto ou pluvial	9	1,59
Fossa séptica	2	0,36
Fossa rudimentar	549	97,51
Rio	1	0,18
Outro tipo de escoadouro	1	0,18
Sem esgotamento sanitário	1	0,18
<b>Total</b>	<b>563</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 2000.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Em relação à coleta de lixo, o bairro não apresenta grandes problemas: há coleta de lixo duas vezes por semana, atendendo 95% dos domicílios (Tabela 10).

Tabela 10: Sarandi – PR, Destino do lixo, Jardim Universal, 2000.

Destino do lixo	Nº Domicílios	%
Coletado por serviço de limpeza	536	95,20
Queimado na propriedade	19	3,37
Enterrado na propriedade	1	0,18
Jogado em terreno baldio ou logradouro	6	1,07
Jogado em rio	1	0,18
<b>Total</b>	<b>563</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 2000.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O bairro é servido por transporte público, este serviço é um dos pontos positivos apontados pelos moradores. O serviço de transporte público é oferecido pela empresa Cidade Canção, e faz a conexão entre o bairro e a cidade de Maringá. Não há no bairro nenhuma linha de ônibus que ligue o Jardim Universal a outros bairros de Sarandi.

O horário dos ônibus varia de acordo com o dia da semana, de segunda a sexta existem mais horários, passando pelo bairro ônibus de hora em hora, durante os finais de semana e feriados a frequência de horário e de ônibus é menor (Tabela 11)

Tabela 11: Sarandi – PR, Dias e horários de atendimento pelo transporte coletivo, Jardim Universal, 2008.

Dias	Horários
Segunda a Sexta	6:30, 7:00, 8:00, 8:25, 9:30, 10:15, 11:00, 11:45, 12:30, 13:15, 14:00, 14:45, 15:30, 16:15, 16:50, 17:00, 17:30, 17:45, 18:30, 19:15, 20:40, 22:00 e 23:20
Sábado	6:30, 7:00, 8:00, 8:25, 9:30, 10:15, 11:00, 11:45, 12:30, 13:15, 14:45, 16:15, 17:45, 19:45, 20:40, 22:00 e 23:30.
Domingo e Feriado	6:45, 8:15, 9:45, 11:15, 12:45, 14:15, 15:45, 17:15, 18:45, 20:15, 21:45 e 23:30.

Fonte: Transporte Coletivo Cidade Canção, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Um olhar sobre seu trajeto no bairro mostra que ele percorre toda área do local, o formato longitudinal do bairro e os pontos de ônibus distribuídos ao longo do um eixo principal, no caso a Avenida Universal, deixa o acesso bem distribuído (Figura 8). Assim, qualquer pessoa precisa se deslocar poucos metros para ter acesso a um ponto de ônibus. É bom lembrar que na periferia o ônibus representa o principal meio de locomoção entre a residência e o trabalho.

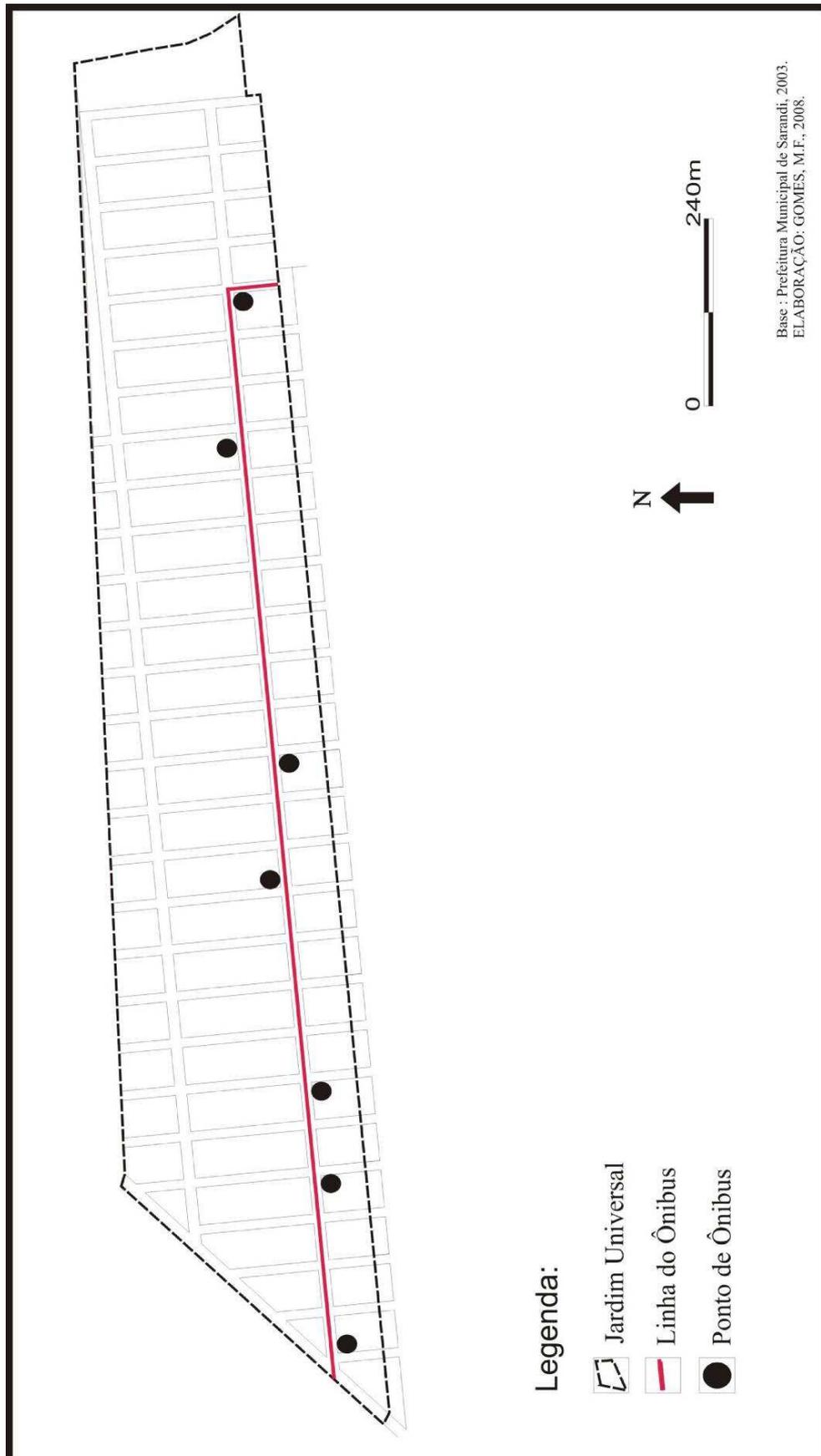


Figura 8: Sarandi – PR, Trajeto e pontos de parada do serviço de transporte coletivo, Jardim Universal.

As praças são equipamentos urbanos importantíssimos, representam áreas de lazer e contribuem para qualidade de vida nas cidades, porém no bairro não existe nenhuma praça ou área de lazer. A falta de áreas de lazer no bairro faz com que os moradores tenham que se deslocar para outros locais para suprir essa necessidade. A maioria dos habitantes do bairro (45%) supre essa necessidade em outros locais de Sarandi mesmo, já 26,67% se deslocam até Maringá em busca de lazer (Gráfico 12).

O fato que mais chama a atenção é que 23,33% das pessoas dizem não suprir tal necessidade. Sobre esse aspecto, Moura e Ultramarini (1996) dizem que as distâncias físicas e o transporte com deslocamentos cansativos restringem a participação dessa população em atividades culturais, de lazer, entre outras.

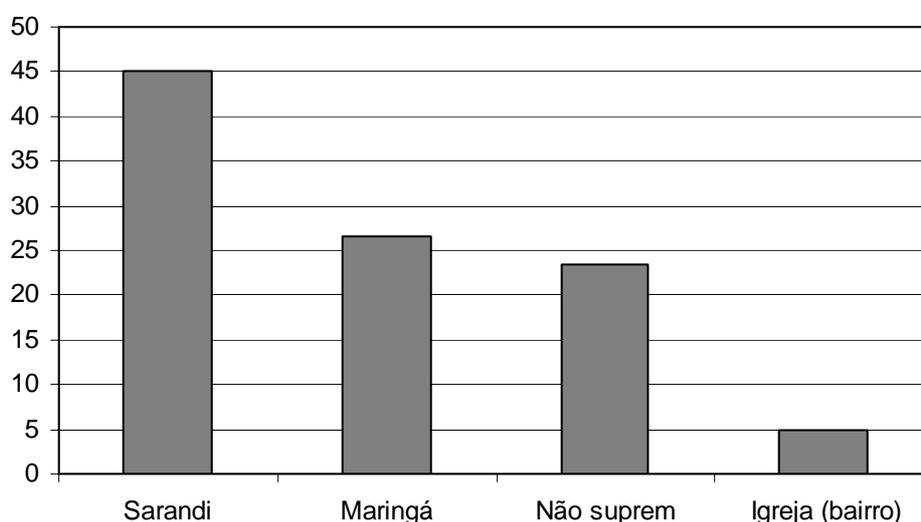


Gráfico 12: Sarandi – PR, Local de suprimento das atividades de lazer, Jardim Universal, 2008

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Os telefones públicos são um importante meio de comunicação, principalmente em bairros periféricos, em que a população de baixo poder aquisitivo muitas vezes não tem condições de possuir telefone residencial. Este serviço encontra-se relativamente bem distribuído ao longo do bairro, facilitando o acesso destes moradores (Figura 9).

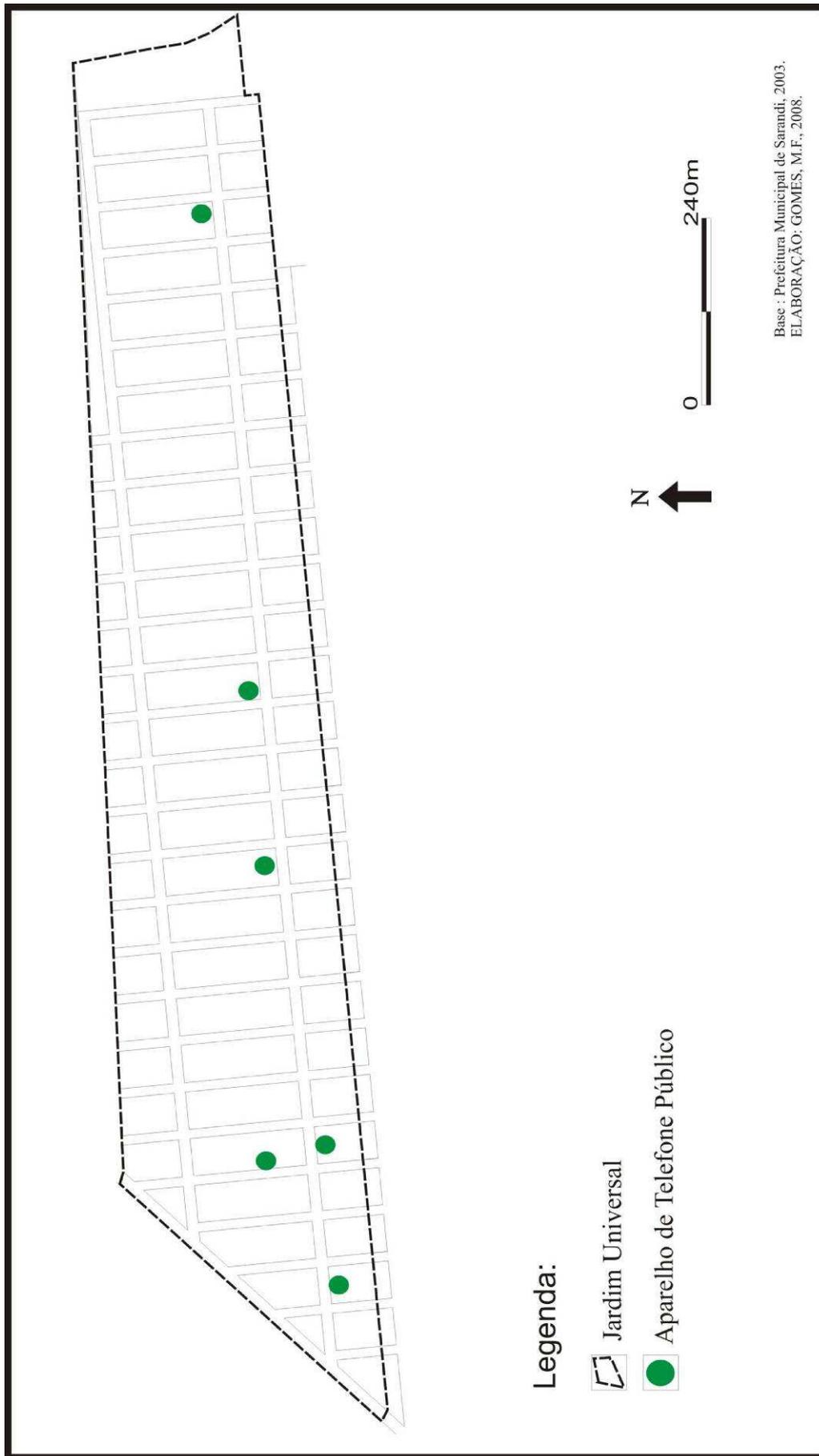


Figura 9: Sarandi – PR, Aparelhos de telefone público, Jardim Universal.

A insegurança é outro problema encontrado no bairro. Quando os moradores foram questionados sobre qual o maior problema do bairro pouco mais de 10% disseram ser a falta de segurança, e quando perguntados se há preocupação com violência no bairro fica evidente tal preocupação, 64,29% disseram que sim (Gráfico 13).

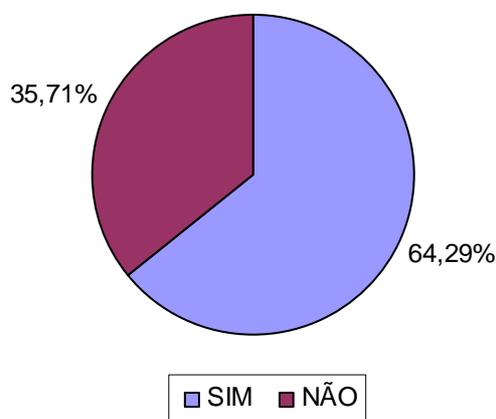


Gráfico 13: Sarandi – PR, Preocupação com a violência, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A preocupação a respeito de violência é creditada às drogas e ao tráfico no bairro, alguns moradores disseram existir “bocas de fumo” no local. Os moradores dizem que a polícia dificilmente faz rondas no bairro e que durante a noite a preocupação é maior.

O interessante desse ponto, é que alguns moradores apontaram a tranquilidade como um ponto positivo, porém na seqüência a maioria se diz preocupada com a violência. Talvez isso tenha a ver com o fato de que nem sempre se trata de violência, mas do sentimento de insegurança das pessoas que pode ter causas concretas, mas que também passa pelo medo construído no cotidiano e que muitas vezes incide de forma diferenciada nos indivíduos.

Esse é um fato constante na periferia, elas são verdadeiras terras de ninguém, um abrigo de criminosos. “Desassistidas, recriam os efeitos de uma grave crise social, caracterizada pela marginalização e repressão, provocando reflexo de instabilidade e medo” (MOURA; ULTRAMARI, p, 39, 1996).

### 3.4. USO DO SOLO

No Jardim Universal predomina a existência de usos residenciais (42,7%) e lotes vazios (53,3%). As atividades comerciais e industriais são de baixa representatividade. Existe no bairro uma quadra composta por diversos serviços públicos (Gráfico 14).

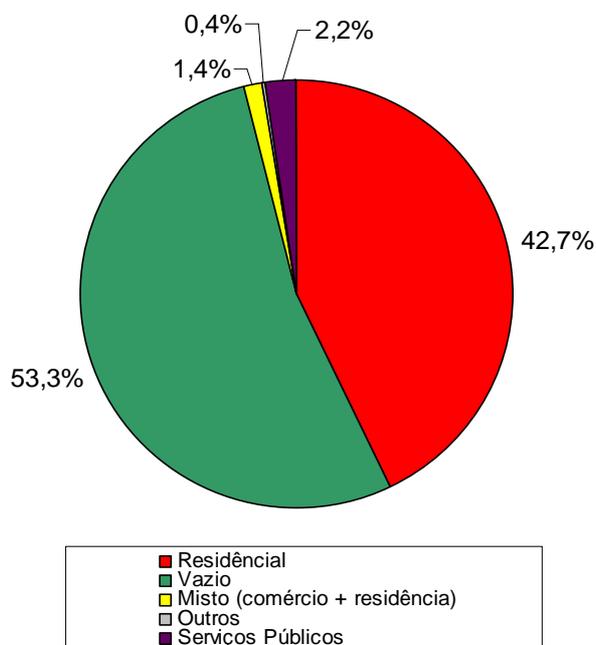


Gráfico 14: Sarandi – PR, Uso do solo, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Algumas atividades utilizam dois ou mais lotes, por isso o número de estabelecimentos não equivale ao número de lotes (Tabela 12). Existem muitos casos de subdivisões e usos do solo diferenciados no mesmo lote, como é o caso daqueles citados como mistos, com usos residenciais e comerciais, ou residenciais e igrejas.

Tabela 12 – Sarandi – PR, Número de lotes ocupados conforme uso do solo, Jardim Universal, 2008.

Uso do lote	Nº de lotes ocupados	Unidades
Creche	04	01
Escola	22	01
Indústria	02	01
Misto(residência+comércio)	18	18
Misto (residência + igreja)	04	03
Posto de Saúde	01	01
Residencial	538,5	-
Salão Comunitário	01	01
Vazio	674,5	671,5
<b>TOTAL</b>	<b>1265</b>	<b>-</b>

Fonte: Trabalho de Campo, 2008.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

O uso residencial se destaca no Jardim Universal e a população é principalmente de baixa renda. Os terrenos baratos, a falta de infra-estrutura, e a possibilidade de autoconstrução caracterizam estas áreas distantes como espaços urbanos para a população pobre (CARLOS, 2001).

As residências em sua grande maioria foram construídas pelo sistema de autoconstrução, revelam a arquitetura do possível e, portanto, não expressam uma paisagem urbana esteticamente considerada boa, pois muitas estão mal acabadas e sem pinturas (Figura 10). Raras são as residências que possuem muros, portões e calçamento.



Figura 10: Sarandi – PR, Casa inacabada, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

Nas periferias urbanas “a construção da casa própria, através da ajuda mútua, constitui a única possibilidade de alojamento para os trabalhadores menos qualificados” (KOWARICK, 1979, p. 41). No Jardim Universal 65,91% dos entrevistados construíram sua casa através do método de autoconstrução (Gráfico 15).

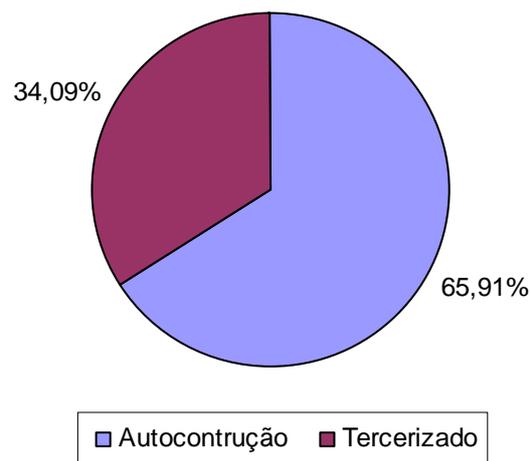


Gráfico 15: Sarandi – PR, Casas construídas pelo método de autoconstrução, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

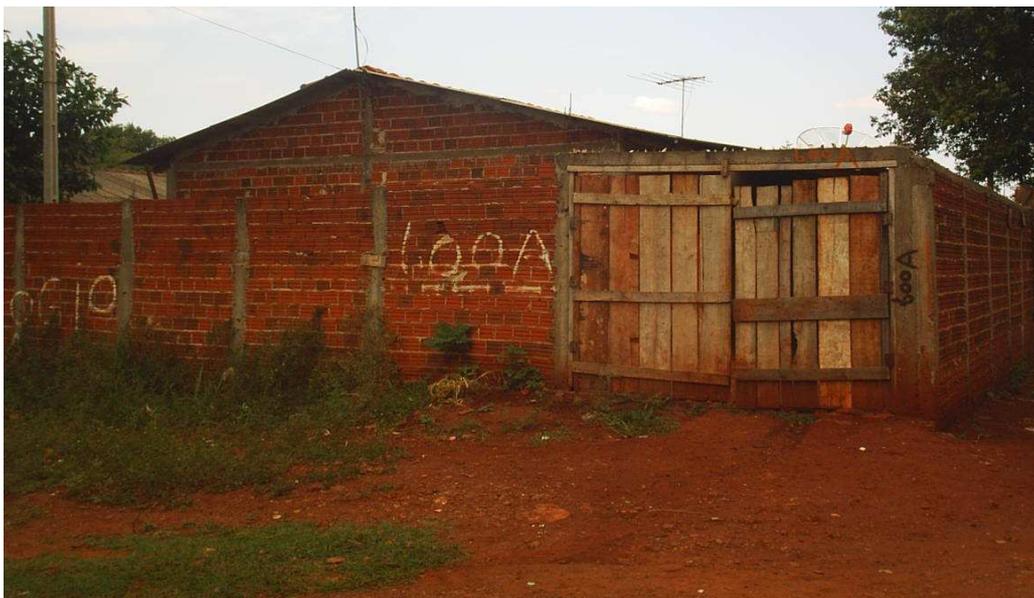


Figura 11: Sarandi – PR, Exemplo de autoconstrução, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

O comércio existente no bairro é precário e pouco diversificado. Sua ocorrência está sempre ligada a usos mistos de lotes, com residências associadas ao comércio. As principais atividades comerciais no local são bares e mercearias (Tabela 13). São estabelecimentos pequenos, com pouca variedade de produtos. Existe no bairro uma bicicletaria, uma oficina mecânica e uma loja de confecções. Três prédios comerciais estão no momento vazios, sem nenhum uso comercial. Os estabelecimentos comerciais estão concentrados principalmente na Avenida Universal, a mais importante via do bairro.

Tabela 13 – Sarandi – PR, N° estabelecimentos comerciais segundo ramo de atividade, Jardim Universal, 2008.

Tipo de comércio	N° de estabelecimentos
Bar e mercearia	12
Oficina mecânica	01
Bicicletaria	01
Loja de roupa	01
Vazio	03
<b>Total</b>	<b>18</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Como se pode observar o Jardim Universal conta com pouca diversidade de ramos comerciais. Nas periferias urbanas não há interesse de instalação de

supermercados, o que se vê são pequenos armazéns e mercearias que não possuem grande estoque e praticam, então, preços elevados (MOURA e ULTRAMARI, 1996).

Essas atividades só se instalam depois que há uma quantidade de habitantes suficientes para garantir a sua manutenção. É praticamente a mesma lógica das localidades centrais. É preciso uma densidade populacional e, mais do que isso, um poder de consumo suficiente para justificar a instalação dessas atividades econômicas. No caso do Jardim Universal o fato pode ser explicado devido ao bairro possuir uma baixa densidade de ocupação, além de ser espaço de moradia de pessoas de baixo poder aquisitivo. Desta forma, os empresários de muitas atividades comerciais e de serviços não têm interesse em se instalar nessa área.



Figura 12: Sarandi – PR, Atividade comercial, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

Com a falta dos estabelecimentos de comércio os moradores acabam se deslocando para outros locais para consumir. O local de consumo dessas pessoas é basicamente na própria cidade de Sarandi, sendo que alguns procuram bairros vizinhos, principalmente o Jardim Independência, enquanto outros preferem o centro da cidade.

Uma boa parte da população de Sarandi consome em Maringá, porém isso não ocorre com os moradores do Jardim Universal, apenas 7% colocaram a cidade como local de consumo (Gráfico 16). Isso mostra que Maringá não faz parte da realidade

dessas pessoas, pois as possibilidades de consumo e deslocamento dessas pessoas são restritas.

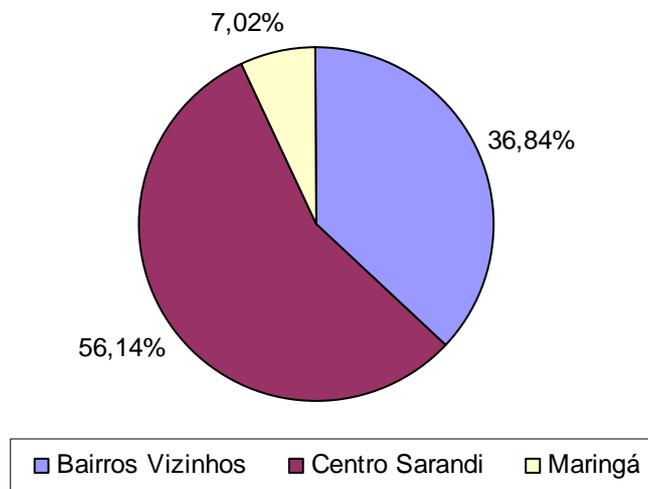


Gráfico 16: Sarandi - PR, Local de consumo da população, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A indústria existente é de pequeno porte, trata-se de uma serralheria e ocupa apenas dois lotes (Figura 13). As ruas sem pavimentação, a falta de esgotamento sanitário e de serviços de apoio não são atrativos a essa atividade econômica, que necessita de uma estrutura urbana adequada para o funcionamento.



Figura 13: Sarandi – PR, Serralheria, Jardim Universal.

Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

As igrejas, assim como as atividades comerciais não aparecem de forma isolada, estão sempre associadas a usos residenciais (Figura 14). São no total três igrejas, todas elas protestantes e freqüentadas exclusivamente por moradores do local e de bairros adjacentes. As igrejas chamam a atenção por terem sido apontadas como uma área de lazer por alguns moradores.



Figura 14: Sarandi – PR, Igreja, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

Existe no Jardim Universal uma quadra com o uso do solo marcado por equipamentos e serviços públicos. Há a presença de um salão comunitário, uma creche, uma escola e um posto de saúde.

A creche do local é o Centro de Educação Infantil Monteiro Lobato (Figura 15). É municipal e atende aproximadamente 115 crianças de até cinco anos de idade, atendimento que engloba alguns bairros vizinhos. A escola presente no bairro é municipal, Escola Municipal Masami Koga. Atende apenas alunos de 1º a 4º série no período matutino e vespertino, e no período noturno trabalha com alfabetização de jovens e adultos (EJA). O número de alunos é de aproximadamente 500, a escola atende além do Jardim Universais outros dois bairros vizinhos.



Figura 15: Sarandi – PR, Centro de educação infantil, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

O Posto de Saúde Jardim Universal realiza apenas atendimentos básicos, curativos, inalacões, vacinas e consultas (Figura 16). Nos questionários aplicados aos moradores muitos se queixaram da demora nos atendimentos e da falta de médicos.



Figura 16: Sarandi – PR, Posto de saúde, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

Os serviços instalados na periferia sofrem com a falta de materiais, são quase sempre de qualidade comparativamente inferior, o que também desestimula profissionais a trabalharem nessas áreas (MOURA; ULTRAMARI, 1996).

Conforme já mencionado anteriormente, muitos lotes do Jardim Universal estão vazios (Figura 17). Parece que ocorre uma falta de interesse em habitar o local, pois viver nos bairros periféricos além do enfrentamento dos seus problemas estruturais significa também conviver com o sentimento de insegurança local (65% dos moradores se dizem preocupados com a violência) e com o preconceito da sociedade.



Figura 17: Sarandi – PR, Lotes vazios, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

Outra explicação para a existência de expressivo número de lotes vazios é a especulação imobiliária. Os especuladores retêm o terreno vazio na periferia a espera da instalação de equipamentos por parte do poder público, e com isso uma futura valorização dos terrenos.

Para os moradores da periferia os lotes vazios quando não se transformam em depósitos de lixo, são aproveitados para um grande conjunto de atividades, como área de lazer (campo de futebol), pasto para animais, e plantação de produtos alimentícios.

Vários hábitos rurais estão inseridos no dia a dia da periferia. No Jardim Universal existe criação de galinhas, criação de cabras, cavalos e até mesmo algumas vacas em terrenos vazios (Figura 18). Há hortas no fundo da casa ou em terrenos baldios e diversos cultivos agrícolas (cana-de-açúcar, mandioca, banana, entre outros – Figura

19). A proximidade e as relações de cooperação entre os moradores também lembram hábitos da zona rural.



Figura 18: Sarandi – PR, Criação de animais em lotes vazios, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.



Figura 19: Sarandi – PR, Cultivo agrícola em lote vazio, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

Devido ao fato do Jardim Universal se encontrar no limite entre a zona urbana e a zona rural, existem nos limites leste e nordeste do bairro algumas chácaras. Elas são ocupadas por atividades agrícolas e criação de animais.

Uma parte das áreas das chácaras está ocupada por barracos de madeira (10 barracos) localizados no fundo do bairro (Figura 20). Na pesquisa realizada pelo IBGE (2000) eles aparecem classificados como domicílios improvisados. Eles estão numa pequena área que teoricamente faz parte de uma chácara, mas que está fora de seu

cercado. Esses barracos possuem ligações elétricas clandestinas. Alguns moradores desses barracos são catadores de material reciclável.



Figura 20: Sarandi – PR, Barraco de madeira, Jardim Universal.  
Foto: Márcio F. Gomes, 2008.

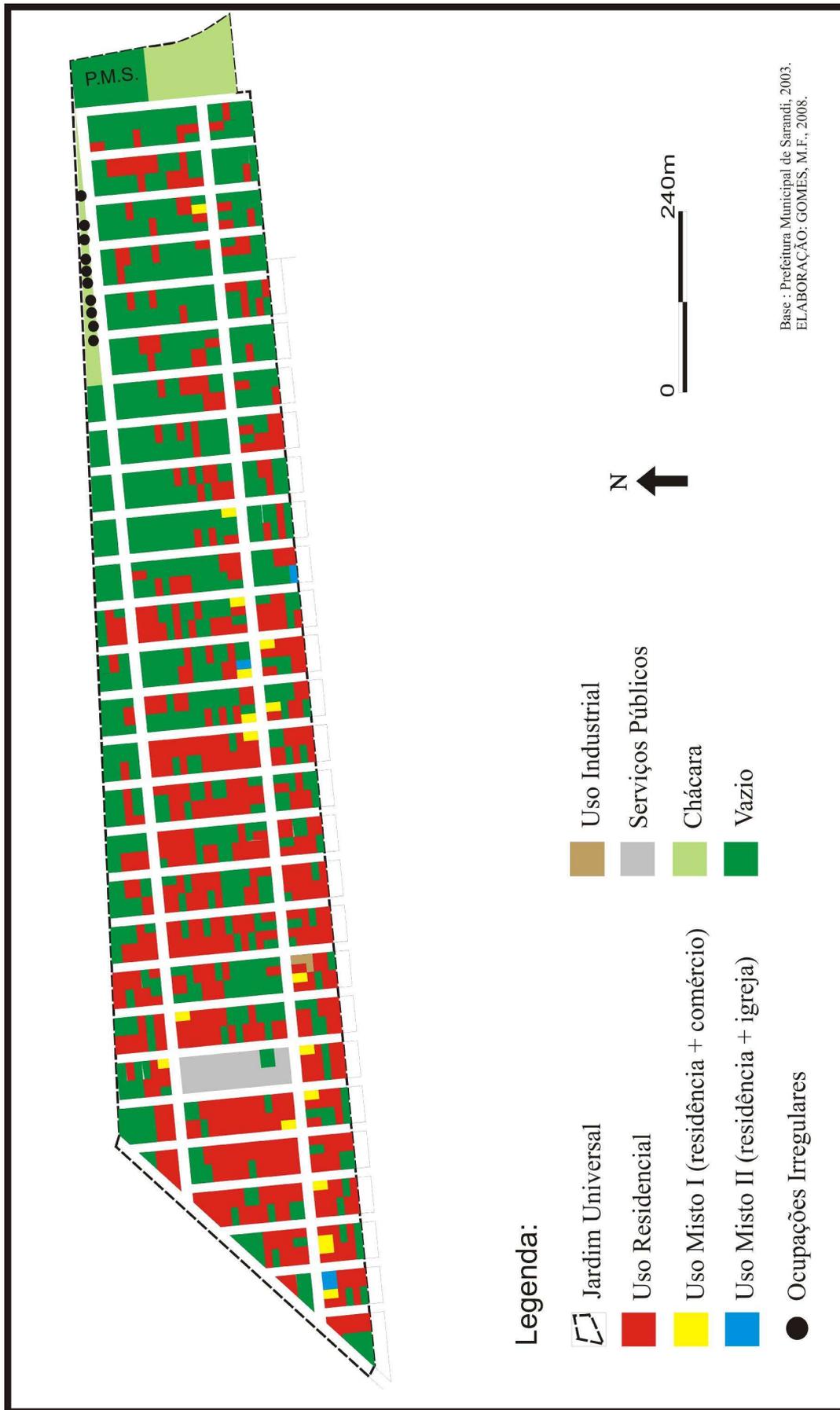


Figura 21: Sarandi – PR, Uso do solo, Jardim Universal.

### 3.5. SOCIABILIDADE

Conforme foi apresentado ao longo do trabalho, o Jardim Universal possui vários “problemas urbanos”, a falta de serviços, infra-estrutura, comércio e espaços públicos afetam o cotidiano dos moradores e conseqüentemente as condições de vida no bairro.

Os moradores foram interrogados sobre qual seria o ponto positivo do bairro. As respostas foram de certo modo surpreendentes, pois aproximadamente 25% disseram não existir nenhum ponto positivo no bairro. Entre os pontos apontados como positivos mais citados estão a tranqüilidade (21,43%), o posto de saúde (18,57%) e a escola (15,71%).

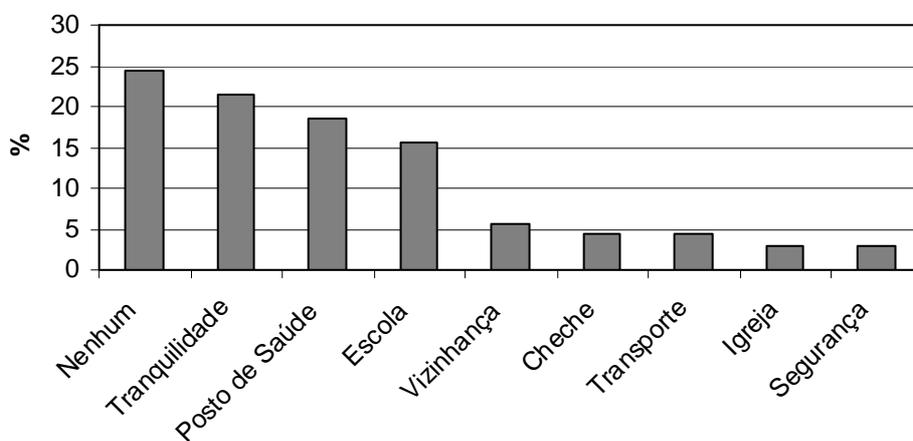


Gráfico 17: Sarandi – PR, Ponto positivo do bairro, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A tranqüilidade foi o principal ponto positivo colocado pelos entrevistados. Esta tranqüilidade é atribuída às relações de amizade entre vizinhos e à pouca movimentação no bairro. O pequeno fluxo do bairro pode ser atribuído à distância em relação à área central e ao isolamento do bairro, localizando-se no limite do perímetro urbano, não sendo desta forma eixo de ligação entre bairros.

As relações entre as pessoas são muito próximas nos bairros periféricos. De modo geral os moradores disseram que a relação com os vizinhos é boa e existe uma cooperação entre eles. Os que disseram não existir cooperação entre a vizinhaça são na maioria os moradores recentes, ou seja, pode ser que eles ainda não tenham muito tempo de relacionamento com o restante dos moradores.

As boas relações de vizinhaça ficam evidentes no gráfico que traz a opinião dos moradores sobre qual seria o ponto positivo do bairro (Gráfico 18). A vizinhaça

aparece como sendo o principal ponto positivo do local por mais de 5% dos entrevistados.

A cooperação e ajuda mútua entre vizinhos é um hábito em bairros periféricos, lembram muito as relações sociais que ocorriam no campo e que caracterizam a vida rural, fato intimamente relacionado à origem de muitos que vivem nessas áreas.

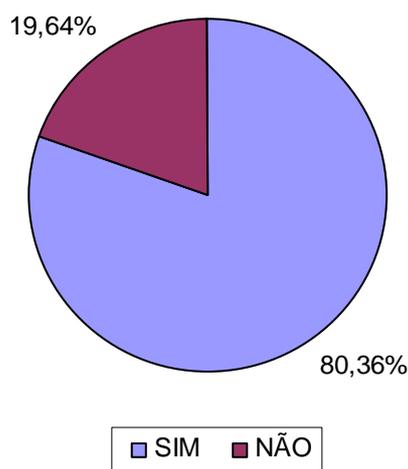


Gráfico 18: Sarandi – PR, Existência de cooperação entre os vizinhos segundo opinião dos moradores, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Quando questionados se gostariam de morar em outro local 51,79% disseram que não (Gráfico 19). A tranquilidade do bairro é apontada como o principal motivador para permanecer no bairro.

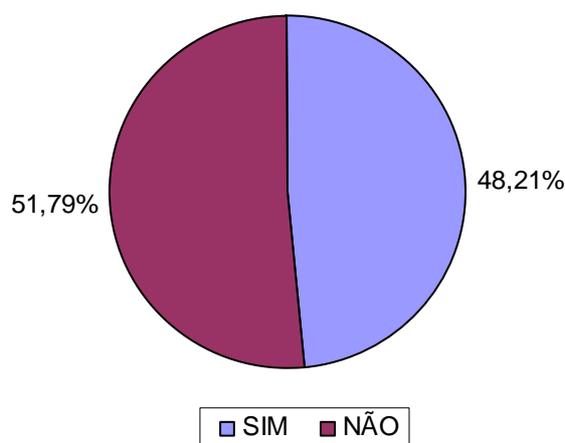


Gráfico 19: Sarandi – PR, Desejo dos moradores de morar em outro local, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

A vontade de continuar vivendo do Jardim Universal se dá porque essas pessoas estabeleceram relações afetivas com o bairro, criando vínculos que o caracterizam como lugar, apesar de todos os problemas que enfrentam no cotidiano e que apontaram nesta pesquisa.

Os moradores que disseram ter vontade de se mudar foram perguntados sobre qual o local gostariam de morar. Maringá foi o local mais citado (48,15%), outros locais de Sarandi também foram apontados (destacam-se o centro da cidade e Jardim Independência). Alguns moradores citaram outras cidades e disseram que os aspectos familiares são os motivadores.

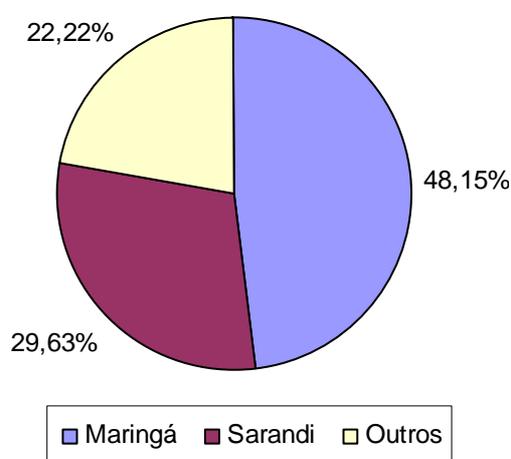


Gráfico 20: Sarandi – PR, Local que gostariam de morar, Jardim Universal, 2008.  
Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Diversos são as causas que motivam a mudança do bairro. As carências urbanas, que afetam a qualidade de vida dos moradores local é fator determinante. A falta de infra-estrutura do bairro aparece nas entrevistas como o grande responsável pela vontade de deixar o bairro, 74,07% dos moradores aponta essa e aspecto.

Outros motivos citados pelos habitantes do local foram à falta de emprego e o desejo de retornar à cidade natal, entre outros menos expressivos (Gráfico 21).

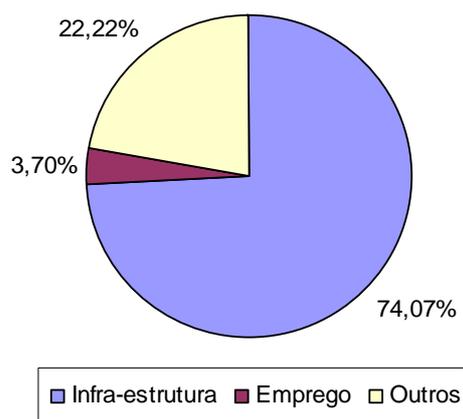


Gráfico 21: Sarandi – PR, Fator que motiva o desejo de mudança, Jardim Universal, 2008.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.  
Organização: Márcio F. Gomes, 2008.

Fica evidente no estudo em questão, que a falta de infra-estrutura e de serviços urbanos na periferia, repercute diretamente no cotidiano de seus moradores. A produção do espaço com interesses econômicos em detrimento ao social contribui para formação das periferias urbanas. Assim, surgem bairros com diversas carências urbanas, o que faz com que este não seja atrativo para viver ou para instalação de atividades econômicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto apresentado resume toda a trajetória realizada ao longo do estudo sobre a urbanização e a formação das periferias urbanas. No desenvolvimento do trabalho diversos questionamentos surgiram, algumas respostas foram dadas, mas muito ainda está em aberto para ser formulado.

O estudo de periferias urbanas permitiu perceber, de forma mais clara, as peculiaridades deste espaço, como são produzidos, a intensidade e implicações de sua formação, os agentes envolvidos no processo de consolidação dessas áreas, as suas repercussões urbanas, econômicas e sociais

As conclusões aqui apresentadas são provenientes dos trabalhos de campo e das análises dos dados coletados, levando-se em consideração as indicações encontradas na bibliografia para a solução dos problemas identificados.

Ao longo do trabalho buscou-se sistematizar como ocorreu o processo de periferização de Sarandi – PR em relação a Maringá. Para realização do trabalho foi efetuado um recorte espacial sobre o Jardim Universal, bairro periférico da cidade de Sarandi.

Para considerar a dinâmica do Jardim Universal como uma periferia urbana é preciso sinalizar que tal área é também uma periferia do aglomerado urbano de Maringá-Sarandi-Paiçandu.

A partir dos anos 1970, o meio rural passa por profundas transformações, a modernização da agricultura acaba gerando um intenso êxodo rural. Estas transformações aumentam a demanda populacional nas áreas urbanas, gerando uma nova organização nas cidades.

Na região Norte do Paraná cidades consideradas pólos regionais, como Maringá, Londrina, Umuarama e Cianorte recebem elevado contingente populacional. Em Maringá esta dinâmica reflete nas cidades vizinhas, e consolida-se um aglomerado urbano na região.

O alto custo de vida em Maringá “empurra” a população de baixa renda para cidades vizinhas; onde o custo de vida é mais baixo, é o que ocorre com Paiçandu e Sarandi, acontecendo desta forma um processo de periferização no aglomerado.

Este processo é uma característica do que foi evidenciado no Brasil a partir de 1990, onde ocorreu um processo de crescimento das cidades médias no âmbito da rede urbana. Esse processo gerou uma expansão territorial e envolveu outros municípios. Nas

últimas décadas, os municípios que compõem a periferia de aglomerados formados com cidades médias, foram as que apresentaram maior crescimento demográfico. Este foi o caso de Sarandi, cujos dados revelam um crescimento demográfico de mais de 5% da população entre 1991 e 2000, processo claramente relacionado à dinâmica econômica de Maringá.

A produção do espaço urbano em Sarandi levou em conta interesses de grupos imobiliários de Maringá, que expandiram sua atuação para esta cidade, onde o terreno barato e a legislação eram flexíveis e possibilitavam a construção de diversos loteamentos sem infra-estrutura e serviços urbanos.

Os loteamentos com ausência de equipamentos urbanos eram comercializados a preços mais baixos que em Maringá, assim a classe de menor poder aquisitivo se desloca para essas áreas. Este é o caso do Jardim Universal.

Conclui-se que o Jardim Universal, apresenta uma realidade conhecida em um grande número de periferia existente nas cidades brasileiras. Com a produção do espaço levando em conta interesses econômicos em relação ao social.

Essa realidade contribui para o surgimento de bairros sem um planejamento urbano adequado, e sem a instalação de equipamentos urbanos, resultando em uma série de “problemas urbanos”.

Esse fato fica evidenciado no Jardim Universal. O bairro sofre com inúmeras carências urbanas: o comércio é pouco diversificado, as ruas não são asfaltadas, não há rede de esgoto, existe preocupação com a violência, há ausência de áreas de lazer, entre outras.

Os resultados encontrados no Jardim Universal permitiram mostrar o perfil dos moradores das periferias urbanas, ou seja, uma população de baixa renda e com pouco nível de escolaridade. Ficaram evidentes as dificuldades encontradas pelos moradores no dia a dia. Outra peculiaridade das periferias urbanas encontradas no bairro, é o estabelecimento de relações afetivas dos moradores, um pertencimento que o caracteriza como lugar,.

Os aspectos adquiridos por estas áreas periféricas revelam as características sociais da população, além das dinâmicas do mercado imobiliários e outros agentes produtores do espaço urbano. O estudo dessa periferia específica, permitiu aproximar o foco da questão das periferias urbanas em geral e mostrar alguns detalhes de aspectos, tanto sociais como econômicos que levam à produção desses espaços.

Espera-se que esse trabalho contribua para os estudos que busquem trabalhar o processo de periferação nas cidades brasileira, principalmente nos que evidenciem o aglomerado urbano de Maringá, e que abra espaço para questionamentos e motivem novos trabalhos que aprofundem a discussão referente a temática aqui abordada.

## REFERÊNCIAS

BENADUCE, G. M. C.; SILVA, V. L.; MELO, D. H. C. T. B. . Planejamento e estrutura urbana de Sarandi - Pr. In: III Colóquio Brasileiro de Ciências Geodésicas, 2003, Curitiba. Anais do III Colóquio Brasileiro de Ciências Geodésicas. Curitiba: EDUFSC, 2003. [CD-ROM]

BOLAFFI, G. *Habitação e Urbanismo: O problema e o falso problema*. In MARICATO, E. (Org.). *A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. São Paulo: Ed. Alfa – Omega, 1982, p 37-70.

BONDUKI, N; ROLNIK, R. *Periferia da Grande São Paulo. Reprodução do Espaço como Expediente da Reprodução da Força do Trabalho*. In MARICATO, E. (Org.). *A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. São Paulo: Ed. Alfa - Omega, 1982, p 117 – 154.

CAMPOS FILHO, C. M. *Cidades brasileiras: seu controle ou caos: o que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

CAPEL, H. S. *O nascimento da Ciência Moderna e a América. O Papel das Comunidades Científicas, dos Profissionais e dos Técnicos no Estudo do Território*. Org. e Tradução de Jorge Ulisses Guerra Villalobos. Maringá: EDUEM, 1999.

CARLOS, A. F. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 2001.

CORREA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1994.

ENDLICH, A. M. Maringá e a Rede Urbana Regional: Resgate Histórico – Geográfico. Boletim de Geografia, ano 17, n. 1, Maringá, 1999, p. 1 – 22.

ENDLICH, A. M.; MORO, D. A. *Maringá e a produção do espaço regional*. In. MORO, D. A. (Org.). *Maringá Espaço e Tempo. Ensaio de Geografia Urbana*. Maringá: Programa de Pós – Graduação em Geografia – UEM, 2003, p. 9 – 47.

ENDLICH, A. M. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná. 2006. 503 f. Tese (Doutorado em geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

FIGUEIREDO, L. C. *A Expansão Urbana de Sarandi. Algumas Considerações*. Boletim de Geografia, ano 15, n. 1, Maringá, 1997, p. 01-14.

FIGUEIREDO, L. C. *A espacialização de Maringá e o conjunto Sarandi e Marialva*. In. MENDES, C.M.; SCHMIDT, L. P. (Org.). *A dinâmica do espaço urbano-regional: pesquisa no norte-central paranaense*. Guarapuava: Unicentro, 2006, p. 25-36.

GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1997.

KOWARICK, L. *A ESPOLIAÇÃO URBANA*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- LAGO, L. C. *Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise*. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000.
- LEITE, L. C. *Do processo de ocupação norte paranaense ao processo de ocupação no município de Sarandi*. 1997. Monografia (Especialização em Geografia do Paraná) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- LOJKINE, J. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LUZ, F. *O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira: Maringá*. Maringá: Prefeitura Municipal, 1997.
- MARICATO, E. *Autoconstrução, a arquitetura possível*. In MARICATO, E. (Org.). *A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. São Paulo; Ed. Alfa – Omega, 1982, p 71 – 93.
- MARICATO, E. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.
- MASCARO, J. L. *Manual de loteamentos e urbanização*. Porto Alegre: Sagra. 1994.
- MAUTNER, Y. *A periferia como fronteira de expansão do capital*. In: DEAK, C.; SCHIFFER, S. R. (Org.) *O processo de urbanização no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 245 – 259.
- MENDES, C. M. *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o aglomerado urbano de Maringá*. In. MENDES, C. M.; SCHMIDT, L. P. (Org.). *A dinâmica do espaço urbano-regional: pesquisa no norte-central paranaense*. Guarapuava: Unicentro, 2006, p. 11-24.
- MORO, D. A. *Substituição de culturas, modernização agrícola e organização do espaço rural, no norte do Paraná*. 1991. 353 f. Tese (Doutorado em geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- MORO, D. Aspectos da dinâmica espacial da população norte paranaense, durante o processo de modernização da agricultura regional. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9, Maringá, 1992. Anais. Maringá: UEM, 1992, p.85-76.
- MORO, D. Maringá Espaço e Tempo. MORO, D. A. (Org.). *Maringá Espaço e Tempo. Ensaio de Geografia Urbana*. Maringá: Programa de Pós – Graduação em Geografia – UEM, 2005, p49 – 87.
- MOURA, R; ULTRAMARI, C. *O que é Periferia Urbana*. São Paulo: Ed. Brasilienses: 1996.
- NEGRI, S. M. *A expansão da periferia na região metropolitana de Maringá: A cidade de Paiçandu*, um estudo de caso. 2001. 180 f. Dissertação (Mestrado em geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

NEGRI, S. M. *A expansão da periferia na região metropolitana de Maringá: A cidade de Paiçandu*. In. MENDES, C.M.; SCHMIDT, L. P. (Org.). *A dinâmica do espaço urbano-regional: pesquisa no norte-central paranaense*. Guarapuava: Unicentro, 2006, p. 38 – 49.

PADIS, P. K. *Formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná*. São Paulo, Hucitec, 1981.

RODRIGUES, A. L. *A pobreza mora ao lado: Segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SCARLATO, F. C. *População e Urbanização Brasileira*. In. ROSS, J. L. S. (Org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo, Edusp, 2005, p. 381-463.

SCHMIDT, B; FARRET, R. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.

SILVA, A. F. A. *Estudo de caso: Ocupação do espaço urbano na cidade de Sarandi – Norte do Paraná*. 1991. Monografia (Especialização em Geografia do Paraná) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SINGER, P. *O uso do solo na economia capitalista*. In MARICATO, E. (Org.). *A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. São Paulo: Ed. Alfa - Omega, 1982, p21-36.

SPOSITO, M. E. B. *Capitalismo e urbanização*. São Paulo: Contexto, 1994.

SPOSITO, M. E. B. *Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil*. *Investigação Geográfica*, Boletim del Instituto de Geografia – UNAM. n° 54, 2004, p. 114 – 139.

VELOSO, E. A. G. *Da favela ao bairro – Transformação no espaço habitado em Sarandi - PR*. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

## APÊNDICE

### MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO

Nome:

Idade:

Profissão: \_\_\_\_\_ local de trabalho (cidade)?

- 1) A quanto tempo reside no Jardim Universal?
- 2) Qual o último local de residência antes de vir para o Jardim Universal?
- 3) Qual o principal fator que o levou a residir neste bairro?
- 4) Reside em: ( ) casa própria ( ) casa alugada \* Qual o valor do aluguel? \_\_\_\_\_
- 4.1) Quando comprou o lote? Preço? Condição de pagamento?
- 4.2) Sua casa foi construída pelo método da autoconstrução? Quem ajudou?
- 5) Qual é o ponto negativo do bairro?
- 6) Qual é o ponto positivo do bairro?
- 7) O bairro não apresenta áreas de lazer (praças, clubes)? Onde vocês suprem essa necessidade?
- 8) A relação com os vizinhos é boa? Existe uma cooperação (ajuda) entre os vizinhos?
- 9) Existe alguma preocupação a respeito de violência no bairro?
- 10) No bairro não existe diversidade de comércio, então onde vocês fazem compras?
- 11) Qual a maior necessidade do bairro no momento?
- 12) Você gostaria de morar em outro local? Onde? Por quê?